UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
LÉO VITOR UTIDA

“EU NÃO NASCI PRA TRABALHAR COMO CLT” E “MONETIZE LIBERDADE”:
O FENÔMENO DO ONLYFANS E PRIVACY E OS DISCURSOS PUBLICITÁRIOS

SÃO PAULO
2023

LÉO VITOR UTIDA

“EU NÃO NASCI PRA TRABALHAR COMO CLT” E “MONETIZE LIBERDADE”:
O FENÔMENO DO ONLYFANS E PRIVACY E OS DISCURSOS PUBLICITÁRIOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo

Orientação: Profa. Dra. Clotilde Perez

SÃO PAULO
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Utida, Léo Vitor
"EU NÃO NASCI PRA TRABALHAR COMO CLT" E "MONETIZE LIBERDADE": : O FENÔMENO DO ONLYFANS E PRIVACY E OS DISCURSOS PUBLICITÁRIOS / Léo Vitor Utida; orientadora, Clotilde Perez. - São Paulo, 2023.
87 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Plataformização. 2. Uberização. 3. Trabalho sexual. 4. Criação de conteúdo adulto. 5. OnlyFans. I. Perez, Clotilde. II. Título.

CDD 21.ed. - 659.1

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que contribuíram não apenas diretamente com este trabalho, mas que estiveram presentes ao longo de minha jornada de graduação(ões) até aqui;

Às minhas amigas de Maringá que, sobretudo numa graduação atravessada pela pandemia, estiveram presentes em minha vida desde a infância: Larissa, Daniele, Vivian, Vitória, Letícia, Natália e Luiz, e àqueles que mais tardiamente conheci já em outra graduação: André e Arthur.

Aos meus/minhas colegas do movimento estudantil, especialmente aos meus queridos/es/as do coletivo Juntos, do qual muito me orgulho de fazer parte. Ao longo desse período, aprendi a importância da luta e que uma transformação radical não só é possível, como é a única saída para nossos problemas; àqueles/as que compartilharam comigo as responsabilidades nas gestões do Centro Acadêmico, vulgo CALC, as quais muito orgulhosamente construí. Aqui os nomes são tantos que seria impossível listar!

Ao meu amigo João, que esteve ao meu lado desde o primeiro dia. Mesmo com tantas diferenças, nossa amizade floresceu e foi fundamental para superar os obstáculos ao longo deste caminho e aguentar o caos de São Paulo;
Ao meu vizinho Allan, cuja surpresa de te conhecer foi uma das mais felizes e agradáveis da cidade;
À minha melhor amiga Ana Flora, por todos os momentos incríveis juntos, sua companhia no meu cotidiano faz toda a diferença;
Aos meus amigos Grey, Maju, Pam, Primo, Gabe, Bruno, John, Gui, Alex, cuja amizade e apoio foram um suporte essencial ao longo dessa jornada;
A todas/es/os mais que passaram por minha vida durante a trajetória, cujos nomes são tantos que são inviáveis de mencionar por completo aqui.

A todos os criadores de conteúdo com os quais já tive contato e que colaboraram com a realização deste trabalho, sobretudo os aqui entrevistados, ainda que na condição de anonimato.

Por fim, minha mais profunda gratidão à minha família. Seu amor, apoio mesmo nas situações mais adversas e compreensão foram o que possibilitaram isso tudo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a venda de conteúdos adultos por meio de plataformas como OnlyFans e Privacy. O foco é explorar o que motiva indivíduos sem experiência prévia em trabalho sexual a ingressarem nessa atividade e relação desses motivos com os discursos publicitários neoliberais, como 'seja seu próprio chefe' e 'monetize liberdade', este último parte de uma campanha da Privacy. O estudo se fundamenta em discussões a respeito da estigmatização do trabalho sexual, uberização e plataformização. Para alcançar este objetivo, foram conduzidas cinco entrevistas com criadores de conteúdo adulto. Durante a pesquisa, foi evidente que a venda de conteúdo adulto por meio de plataformas é uma modalidade distintiva e recente, não facilmente comparável a outras formas de trabalho sexual ou modelos de trabalho em plataformas. Logo, é necessário desenvolver formulações que considerem a realidade desses novos profissionais.

Palavras-chaves: Venda de conteúdo adulto. Plataformização. Uberização. Trabalho sexual

ABSTRACT

This academic aims to understand the sale of adult content through platforms such as OnlyFans and Privacy. The focus is to explore what motivates individuals without prior experience in sex work to enter this activity and the relationship of these motivations with neoliberal advertising discourses, such as 'be your own boss' and 'monetize freedom', the latter being part of a Privacy campaign. The study is grounded in discussions about the stigmatization of sex work, uberization, and platformization. To achieve this goal, five interviews were conducted with adult content creators. Throughout the research, it became evident that the sale of adult content through platforms is a distinctive and recent modality, not easily comparable to other forms of sex work or platform-based work models. Therefore, it is necessary to develop formulations that take into account the reality of these new professionals.

Keywords: Sale of adult content. Platformization. Uberization. Sex work.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....8
1.1 OBJETIVOS GERAIS.....10
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....10
1.3 JUSTIFICATIVA.....10
1.4 METODOLOGIA.....12

2. AS PLATAFORMAS.....12
2.1 ONLYFANS.....12
2.2 PRIVACY.....14

3. MARCO TEÓRICO.....16
3.1. A ESTIGMATIZAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL.....16
3.2. UBERIZAÇÃO E PLATAFORMIZAÇÃO DO SEXO.....20

4. OS DISCURSOS PUBLICITÁRIOS.....24
4.1. “MONETIZE LIBERDADE”: O LADO DAS PLATAFORMAS.....24
4.2. “EU NÃO NASCI PRA TRABALHAR COMO CLT”: O LADO DOS CRIADORES.....27

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS.....29
5.1. MOTIVAÇÕES.....30
5.2. A CRIAÇÃO E VENDA DE CONTEÚDO ADULTO.....32
5.3. O DISCURSO PUBLICITÁRIO E A PRECARIZAÇÃO.....37

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....38

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....40

APÊNDICE 1 - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA.....42
APÊNDICE 2 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....44
APÊNDICE 3 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....52
APÊNDICE 4 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....58
APÊNDICE 5 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....66
APÊNDICE 6 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....77

1. INTRODUÇÃO

O termo *sexting* refere-se ao ato de trocas de conteúdo sexualmente explícitos ou provocativos por meios digitais, seja por textos, mensagens, fotos ou vídeos. União das palavras em inglês *sex* e *text,* o fenômeno parece se popularizar cada vez mais. O ato de enviar e receber *nudes*, uma das formas de se realizar o *sexting*, tem se tornado cada vez mais comum em uma sociedade atravessada pela internet e meios de comunicação digital (RODRÍGUEZ-GARCÍA; MORENO-GUERRERO; GARCÍA-CARMONA, 2023).

Nesse sentido, compreendemos que a internet, por maiores que tenham sido as mudanças acarretadas com seu surgimento e popularização, não tem a capacidade de modificar comportamentos e criar hábitos por si só. Em realidade, são justamente os comportamentos que se apropriam da internet e, especialmente, amplificam e potencializam-se a partir do que são (CASTELLS, 2003, p. 273). Não é de se estranhar, portanto, que o avanço da tecnologia seja utilizado em prol da satisfação dos prazeres humanos, afinal, a pulsão sexual sempre esteve presente em nossa história.

Assim, com a potencialização e amplificação de tais comportamentos, deparamos-nos hoje com um fenômeno em ascensão: a comercialização do sexo mediada por plataformas como OnlyFans e Privacy. O fenômeno se diferencia da já consolidada indústria pornográfica na medida em que não apenas os protagonistas agora deixam de ser grandes produtoras e estúdios, mas os próprios indivíduos que vendem sua imagem. Isto é, não há mais necessidade de intermédios, podendo qualquer pessoa fazê-lo, bastando abrir uma conta nas plataformas de venda de conteúdo adulto. Ou seja, da mesma forma que o ato de enviar e receber *nudes* parece cada vez mais frequente, o uso do OnlyFans ou Privacy tem se difundido entre indivíduos outrora considerados “comuns”, sem ligação anterior alguma ao trabalho sexual.

Isso se explicita ao vermos até mesmo celebridades, dos mais variados graus de fama, e muitos com imagem já consolidada, entrando nesse mercado. A atriz ex-Disney Bella Thorne talvez seja o caso mais emblemático, sendo um dos primeiros casos notórios e chegando a arrecadar US$1 milhão em apenas 24 horas[1]. Mais recentemente, se juntaram à lista os brasileiros Key Alves, ex-atleta de vôlei, Mc Mirella, cantora de funk, Thomaz Costa, ator da novela Carrossel, Lumena, ex-BBB e muitos outros. Estudos anteriores apontam que possivelmente a participação desses diversos nomes pode ter não apenas ajudado a combater o

[1] G1. **Bella Thorne fatura US$ 1 milhão em um dia no OnlyFans. 2020**. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/08/26/bella-thorne-fatura-us-1-milhao-em-um-dia-no-onlyfans.ghtml. Acesso em: 10 set. 2023.

estigma associado ao trabalho sexual, como também a popularizar as próprias plataformas (HAMILTON et al., 2023).

Paralelamente a isso e, em realidade, de modo absolutamente complementar, o projeto neoliberal se expande e se consolida na superestrutura da sociedade — emprestando o termo de Marx e Engels. Os aparatos ideológicos, sobretudo aqui os meios de comunicação e as companhias, por meio de seus discursos publicitários, propagam em massa ideias como “Seja você mesmo seu chefe”. Assim, acabamos por nos deparar com o que Byung Chul-Han chama de “sujeito neoliberal” (2018), ou seja, não apenas as companhias mas também os trabalhadores repetem esse discurso publicitário.

Da parte das empresas, no que se refere especificamente ao tema abordado neste trabalho, a plataforma brasileira Privacy veiculou uma campanha com o mote "monetize liberdade" nas principais estações de metrô São Paulo no final de 2022. Já do lado dos criadores de conteúdo, tomamos como um exemplo a cantora e criadora de conteúdo adulto Bibi Babydoll, que entrou no Top 100 Global do Spotify em meados de 2023. Em sua música intitulada “OnlyFans” canta: "Eu não nasci para trabalhar como CLT / Abri meu OnlyFans e é foto que eu vou vender", dando a entender que o trabalho formal é ultrapassado, e que viver da renda obtida pelo OnlyFans seria mais vantajoso. Não por acaso, a música também se tornou um viral, rendendo mais de 18 mil publicações no TikTok.

Importante notar aqui a escolha léxica do termo "criadores de conteúdo adulto" para se referir àqueles que vendem conteúdo pornográfico nas plataformas digitais. Isso porque outros termos podem vir à cabeça, como "ator pornô" e "trabalhador do sexo". A terminologia usada para pessoas envolvidas em trabalho sexual é alvo de debate, discussão e ressignificações há tempos:

> O processo de redefinição da prostituição foi simbolizado, em 1979, pela mudança de terminologia de prostituta para o termo de trabalhador do sexo, criado por Leigh e Harlot (Leigh, 1997). […] A adopção do termo trabalhador do sexo inclui todos aqueles que trocam serviços sexuais por alguma forma de ganho económico. O termo abrange os diversos actores (homens, mulheres e transgéneros) e contextos de trabalho (prostituição de rua e interior, striptease e danças eróticas, pornografia ou o trabalho como operadores de linhas telefónicas eróticas, entre outros) (Weitzer, 2010). Esta mudança de terminologia marcou o início de um movimento internacional que se centra na defesa dos direitos dos trabalhadores do sexo. (RAMALHO, 2012, p. 168)

Portanto, em que pese possamos entender os criadores de conteúdo adulto enquanto trabalhadores sexuais, o termo "trabalhador do sexo" parece demasiado genérico para descrever a ocupação aqui estudada. Como outros estudos já apontaram (CARDOSO; CHRONAKI; SCARCELLI, 2022; HAMILTON et al, 2023) e analisando a própria realidade

dos entrevistados, o trabalho desses se assemelha muito mais ao que já conhecemos como criadores de conteúdo, por envolver a gestão das contas em mídias sociais, autopromoção, contato direto com o público e, em geral, operar sem intermédio de empresas além das próprias plataformas. Por outro lado, diferencia-se também da ideia do "ator pornô", mais ligado às produtoras e estúdios pornográficos, distante do público.

Assim, o tema escolhido trata de um fenômeno relevante e recente, ainda que alvo de certo destaque midiático e estigmas. Em meio ao longo embate dos limites do público-privado nas mídias sociais com repercussões econômicas e precarização das condições de trabalho, surgem novos espaços onde a intimidade pessoal é mercantilizada de maneira sem precedentes. As plataformas OnlyFans e Privacy, em particular, emergiram como líderes nesse fenômeno. A primeira, de uma companhia inglesa e a segunda nacional, permitem que indivíduos “comuns” monetizem seus momentos mais íntimos, um papel até então quase que exclusivamente desempenhado por atores, atrizes e modelos profissionais do sexo — ao pensarmos na indústria pornográfica —, ou pessoas minimamente famosas — ao pensarmos em revistas como Playboy, G Magazine e afins.

Portanto, o tema é impulsionado pela necessidade de compreender as dinâmicas complexas envolvidas na comercialização da intimidade em um ambiente digital, onde questões como liberdade e privacidade são desafiadas e reformuladas, juntamente com questões trabalhistas e de plataformização.

1.1 OBJETIVOS GERAIS

- Explorar o fenômeno da venda da intimidade na era digital através das plataformas OnlyFans e Privacy.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o discurso publicitário das plataformas e dos produtores de conteúdo a respeito da venda de conteúdo adulto;
- Compreender as motivações que levam os indivíduos a entrar no mercado adulto por meio das plataformas e se há relação com o discurso publicitário.

1.3 JUSTIFICATIVA

A venda de conteúdo adulto nas plataformas OnlyFans e Privacy se tornou um fenômeno cultural e econômico de grande relevância na era digital. O mercado pornográfico — antes restrito a profissionais específicos da área, subjugados e estigmatizados — se expandiu não só para indivíduos comuns, mas até mesmo para pessoas de grande notoriedade que não atuavam no mercado sexual. Personalidades famosas como Keyla Alves, Thomaz Costa, Tati Zaqui, Rita Cadillac, Lumena, Bella Thorne, e outros fazem parte do fenômeno recente.

No ano de 2022, o proprietário da OnlyFans faturou mais de US$300 milhões em dividendos[2], fato que virou notícia em diversos jornais pela alta quantia ganha pelo mesmo — um homem praticamente desconhecido e anônimo ao público, em gigantesco contraste com os criadores de conteúdo de seu site, que tudo expõem para obter renda. Segundo a própria plataforma, no mesmo ano sua receita ultrapassou a marca de US$1 bilhão e o número de criadores de conteúdo chegou a 3,1 milhões.

Ao mesmo tempo que os números da plataforma alcançam valores exorbitantes e alguns criadores de conteúdo mais proeminentes alcançam a dita "monetização da liberdade", a realidade contrasta na dificuldade enfrentada por boa parte dos criadores de conteúdo para conseguir, de fato, uma quantia razoável de dinheiro. Enquanto faz sentido que as plataformas se utilizem dessa estratégia para aumentar suas margens de lucro, esse discurso publicitário também é ecoado por alguns e algumas modelos, que se gabam de conseguir dinheiro de maneira “fácil”. Ao que aparenta, o fenômeno não é livre de contradições. E em que pese tenha se tornado cada vez mais comum, não está livre de estigmas e preconceitos moralistas, levando a comportamentos paradoxais dos agentes.

Em realidade, até mesmo encontrar dados estatísticos confiáveis a respeito da indústria pornográfica parece difícil. Mesmo muito dos dados amplamente divulgados e disponíveis são alvo de disputa e questionamento quanto à sua confiabilidade[3]. De acordo com um estudo da *Statista*, apenas nos EUA, estima-se que a indústria pornográfica em 2022 seja avaliada em US$977 milhões, e projetada para US$1,1 bilhão em 2023[4]. A nível global, estima-se um valor de US$97 bilhões[5]. Não é, portanto, uma indústria que podemos ignorar.

---

[2] THOMAS, D. **Dono do OnlyFans recebe US$ 338 milhões em dividendos**. Folha de São Paulo [online], São Paulo, 25 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/08/dono-do-onlyfans-recebe-us-338-milhoes-em-dividendos.shtml>. Acesso em: 14 set. 2023.

[3] WARD, M. **Há menos pornografia do que se pensa na internet**. BBC News Brasil [online], [s/l], 3 jul. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130703_pornagrafia_web_an>. Acesso em: 24 out. 2023.

[4] CECI, L. **Value of the porn websites industry in the U.S. 2023**. Statista. 17 mar. 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1371582/value-online-website-porn-market-us/>. Acesso em: 24 out. 2023.

[5] CASTILLO, L. **Pornography Industry Statistics**. Gitnux. Disponível em: <https://blog.gitnux.com/pornography-industry-statistics/>. Acesso em: 24 out. 2023.

Assim, este estudo se justifica não apenas pela relevante fatia de mercado que o tema ocupa na economia, mas também pela necessidade de compreender as dinâmicas envolvidas nesse processo, que vai além da simples exploração de conteúdo íntimo online. A discussão também levanta questões fundamentais sobre a noção de liberdade, neoliberalismo, plataformização e o impacto na vida dos criadores de conteúdo dessas plataformas. Além disso, a discussão sobre a venda de conteúdo adulto está intrinsecamente ligada às transformações da sociedade contemporânea, onde a tecnologia desempenha um papel cada vez mais central na formação de identidades e relações interpessoais.

1.4 METODOLOGIA

A pesquisa realizada seguiu estratégias e técnicas de investigação que tendem a ser qualitativas. Portanto, para alcançar os objetivos propostos, primeiramente foi realizada uma revisão bibliográfica para introduzir e explorar alguns tópicos já amplamente estudados, tais como a estigmatização do trabalho sexual e plataformização e precarização do trabalho.

Em seguida, analisamos a campanha publicitária da Privacy e declarações e discursos tanto das plataformas analisadas quanto dos criadores de conteúdo, para uma compreensão maior do fenômeno explorado e seus desdobramentos no contexto sociocultural e de consumo.

Por último, a fim de compreender mais em profundidade o fenômeno aqui explorado, foram realizadas 5 entrevistas com roteiro semiestruturado, tendo como alvo os próprios criadores de conteúdo adulto que realizam suas vendas através das plataformas OnlyFans e Privacy.

2. AS PLATAFORMAS

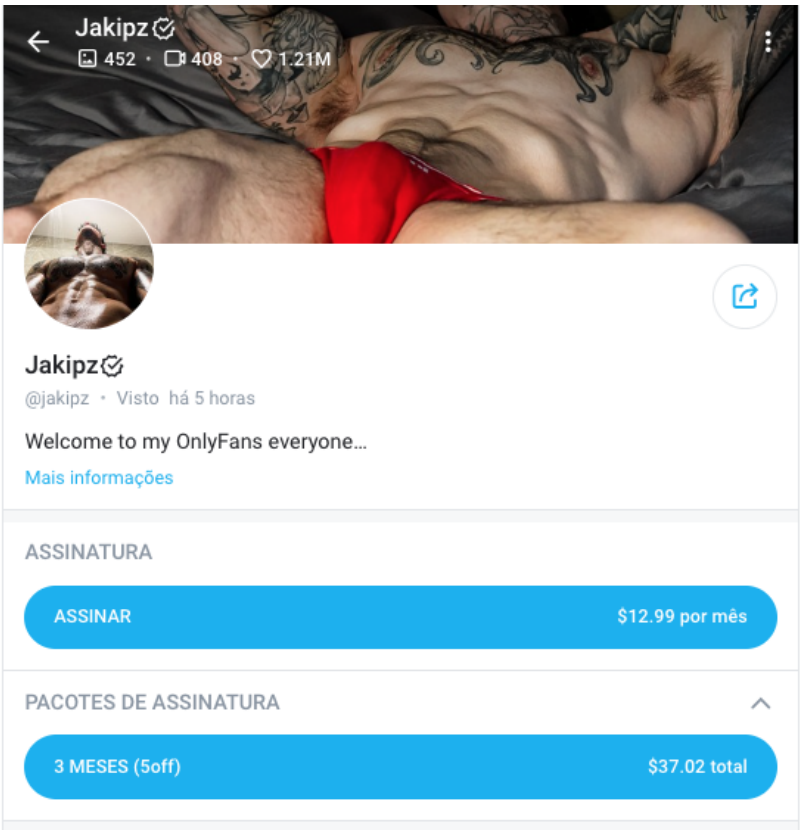
O fenômeno da venda de conteúdo adulto ganhou notoriedade principalmente com a plataforma inglesa OnlyFans. No Brasil, no entanto, há também uma forte concorrente nacional, Privacy. Aqui, faremos uma breve introdução de ambas.

2.1 ONLYFANS

O site OnlyFans foi criado em novembro de 2016 por Tim Stokely, em Londres. Oficialmente, sua proposta baseava-se na ideia de que criadores de conteúdo, ídolos e figuras

famosas pudessem se conectar diretamente com seu público e postar conteúdo "premium", exclusivo para fãs, mediante pagamento. Apesar disso, rapidamente a plataforma foi dominada por criadores de conteúdo adulto, devido a suas políticas amigáveis com publicações de teor sexual[6], contrastando com a realidade da grande maioria das plataformas de mídias sociais, como Facebook, Instagram, Tumblr e TikTok, que banem conteúdos sexualmente explícitos.

Figura 1 - Perfil no OnlyFans



Fonte: Página do Jakpiz no OnlyFans[7].

Na plataforma, os usuários podem criar seus perfis, publicar conteúdos próprios, definir um preço para acesso de suas publicações e assinar perfis de outros usuários. Ao entrar na página de algum criador, é possível ter acesso a pouquíssimas informações: o nome do usuário, uma foto de perfil, uma foto de capa, o número de publicações, uma breve descrição feita pelo próprio criador e o preço da assinatura, que tem valor mínimo de US$4,99 e

[6] Há, ainda assim, algumas restrições. Conteúdos de alguns fetiches específicos como, por exemplo, *scat*, que envolve urina e fezes, atividades sexuais em público e BDSM, com humilhação, lágrimas, ou semelhantes — ainda que consensual — e prostituição, são banidos da plataforma. Tal restrição reforça nossa visão de que, mesmo inserido no mercado do sexo, há ainda muitas questões morais e estigmas que cercam o espaço.
[7] Disponível em: https://onlyfans.com/jakipz

máximo de US$49,99 — sempre em dólares estadunidenses. O usuário fica com 80% da venda e a plataforma 20%. Há uma *paywall* que restringe o acesso ao conteúdo publicado no perfil, visível apenas para assinantes. Não há sistema de busca de perfis, categorias, interesses ou afins, é necessário ter o link direto do criador.

O site teve um crescimento estrondoso durante a pandemia, com o faturamento crescendo 553% entre janeiro e novembro de 2020 e o número de usuários crescendo de 20 milhões antes da pandemia para mais de 120 milhões em 12 meses (600% de crescimento). Tal fenômeno pode estar relacionado à perda de emprego e renda ocorrido durante o período. Assim, a venda de conteúdo online seria uma forma segura, sanitariamente falando, de obter dinheiro sem precisar sair de casa e ver outras pessoas.

Para além disso, é importante mencionar que nesse mesmo período, a plataforma se integrou à cultura *pop*, o que ajudou a popularizá-la ainda mais enquanto fenômeno. Logo após a ex-atriz da Disney Bella Thorne abrir uma conta em abril de 2020 e atingir um recorde de faturamento em 24 horas na cifra de US$1 milhão, ainda no mesmo mês o lançamento de um remix da música *Savage* da rapper Megan Thee Stallion com Beyoncé, aumentou o tráfego no site em 15% nas 24 horas seguintes. Na música, a cantora diz: "*Hips tick tock when I dance / On that demon time, she might start a OnlyFans*". Estudos anteriores (HAMILTON et al., 2023, p. 2) indicam que tal disseminação pode ter contribuído para o que os autores chamaram de "assimilação cultural" do OnlyFans, levando a maior aceitação da plataforma e dos criadores de conteúdo adulto. Ademais, como o site não possui sistema de busca, requer que os criadores divulguem seus perfis em outros espaços, como Twitter, Instagram e TikTok, aumentando a presença da marca ainda mais.

2.2 PRIVACY

A Privacy foi criada no fim de 2020 por um grupo de empresários brasileiros de São Paulo, inspirados no modelo de negócios do OnlyFans. Diferentemente do site britânico, a empresa brasileira desde o início não pareceu esconder o potencial de conteúdo erótico e sexual da plataforma, em que pese não se promova como um site pornográfico, por assim dizer, uma vez que o criador de conteúdo pode não necessariamente fazer uso para esse fim. Isso pode ser explicado pelo fato de que sua fundação foi não apenas posterior ao OnlyFans, mas já tendo observado exatamente que foi o conteúdo sexual que dominou e fez a plataforma atingir o sucesso que possui.

Figura 2 - Perfil no Privacy

Fonte: Página do Dynho Alves no Privacy[8].

Tal qual o site que o inspirou, ao acessar a página de um criador de conteúdo as informações também são restritas, sendo possível ter acesso apenas a foto de perfil, foto de capa, nome, descrição e preço de assinatura. Aqui, diferente do OnlyFans, há um atrativo especial para o público brasileiro: os valores são em reais e podem ser pagos por pix e boleto, para além do cartão de crédito. Da mesma forma, o usuário também fica com 80% da venda e a plataforma 20%.

O site em específico não parece gozar da mesma popularidade nominal do OnlyFans. Em realidade, o termo "OnlyFans" parece ter se tornado até mesmo sinônimo de uma atividade que extrapola a plataforma, isto é, da venda de conteúdos adultos, independente do meio utilizado. No entanto, a plataforma nacional possui um arsenal de figuras públicas e famosos brasileiros que possuem conta exclusivamente nela — isso porque, boa parte dos criadores de conteúdo possuem conta em mais de uma plataforma, para abranger o maior número de possíveis compradores e, assim, maximizar sua receita.

[8] Disponível em: https://privacy.com.br/Checkout/dynhoalves/.

3. MARCO TEÓRICO

A venda de conteúdo adulto mediado por plataformas tem emergido como um fenômeno relativamente recente. Ainda assim, é possível levantar algumas discussões relacionadas que já possuem ampla discussão e estudos prévios. Aqui, discutiremos a questão da estigmatização do trabalho sexual e uberização e plataformização.

3.1. A ESTIGMATIZAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL

O OnlyFans oficialmente se promove como uma plataforma para divulgação de conteúdos exclusivos, mas não necessariamente sexuais. Em realidade, publicamente a empresa parece se manter distante da imagem de um site de conteúdo adulto. Porém, para além das políticas de uso serem muito específicas acerca de certos fetiches, o empresário fundador da companhia já havia aberto negócios anteriores envolvendo conteúdo pornográfico. É de se imaginar, portanto, que o site se promova dessa forma para tentar contornar todo o tabu que há a respeito da pornografia. De acordo com reportagem da Bloomberg, investidores preferem deixar seu dinheiro em negócios que envolvem jogos de azar, energia suja e até mesmo armas de fogo do que investir em negócios relacionado à pornografia[9].

O próprio OnlyFans já enfrentou dificuldades em trabalhar com operadoras financeiras nesse sentido. Em 2021, a empresa chegou a anunciar que baniria todo conteúdo pornográfico, alegando pressão justamente dos bancos que possibilitam as transações financeiras de compra e venda das assinaturas na plataforma. À época, muitos usuários perceberam uma movimentação semelhante ao ocorrido com o Tumblr em 2018, que também baniu conteúdo sexual após pressão de agentes externos, vendo, por fim, seu tráfego cair em 100 milhões de visitas mensais após a medida[10]. No entanto, no caso do OnlyFans, com forte mobilização virtual dos criadores de conteúdo adulto, por meio da *hashtag #SexWorkIsWork*, a empresa voltou atrás e, em menos de uma semana, decidiu manter a permissão dos conteúdos sexuais.

Esse episódio foi um momento que, talvez, possa ter explicitado para grande parte dos criadores de conteúdo a questão da plataformização de seu trabalho, embora provavelmente

---

[9] VOSSOS, T. Para investidores, pornografia é tabu maior que armas. **Exame**, 15 jun. 2019. Disponível em: <https://exame.com/invest/mercados/para-investidores-pornografia-e-tabu-maior-que-armas/> . Acesso em 24 out. 2023.

[10] https://thenextweb.com/news/tumblr-traffic-dropped-by-nearly-100m-the-month-after-it-banned-porn

não neste termo. Ficou nítido o poder absurdamente desproporcional que uma única companhia pode ter sobre a vida, o trabalho e a renda de todos os seus usuários — ou, trabalhadores. Uma simples mudança na política interna da plataforma arriscou deixar milhões de trabalhadores sem uma fonte de renda, da noite para o dia. Essa questão será retomada com mais profundidade à frente.

De todo modo, o ponto aqui em debate diz respeito à estigmatização do trabalho sexual e, em certa medida, até do sexo em si — quando desviante de uma cisheteronormatividade conservadora, onde se enquadra o sexo não procriativo, o auto prazer e o homossexual, todos elementos que constituem parte do objeto explorado ao longo do trabalho.

De acordo com Foucault (1988), a repressão da sexualidade nas sociedades burguesas teria suas origens no século XVII. Sobretudo a partir de preceitos religiosos, por meio da igreja católica, inicia-se um período de silêncio discursivo a respeito do sexo, indo para o plano confessional e espiritual. As relações sexuais deveriam ter como fim meramente a procriação e o prazer era uma gravidade pecaminosa. A vergonha, difamação, medo e confissão reprimiam e disciplinavam os desejos.

> Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, impõe o silêncio. Censura. (FOUCAULT, 1988, p. 23)

Já em meados do século XVIII e XIX, as formas de controle do corpo e do sexo se complexificam e saem da área discursiva da censura e repressão para a patologização e regulação. Agora, não mais por questões religiosas ou mesmo morais, mas por uma ideia de cientificidade, técnica e racionalidade. O sexo deve ser falado e debatido, não mais condenado ou (não) tolerado, mas inserido num sistema de utilidade, da forma mais eficaz para todos, o que o autor chama de "ortopedia discursiva" (Ibid., p. 35). Cria-se um sistema de regulação das condutas sexuais, onde há uma norma a ser seguida, baseada num suposto plano técnico e científico — portanto, neutro e inquestionável.

> (…) a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das "doenças dos nervos"; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar — do lado da "extravagância", depois do onanismo[11], mais tarde da insatisfação e das "fraudes

[11] Em outras palavras, masturbação.

> contra a procriação", a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes "crapulosos" e antinaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância. (FOUCAULT, 1988, p. 36)

Embora não mencionada diretamente pelo autor, podemos compreender o trabalho sexual e a pornografia como parte dos desvios normativos (KATSUO, 2023) que regulam os corpos nas sociedades Ocidentais e de colonização europeia. Assim, há uma grande estigmatização a respeito não apenas do "comportamento" desses agentes, mas com os próprios indivíduos em si, neste caso, os criadores de conteúdo adulto.

A estigmatização vai além e se estende na própria descaracterização do trabalho sexual enquanto trabalho em si. Ao falarmos mais especificamente do Brasil, ainda na década de 1980 a prostituição poderia ser enquadrada nas leis de vadiagem, essencialmente reconhecendo a atividade como uma forma de não-trabalho:

> Prostitutas — assim como muitos trabalhadores informais e pobres — eram frequentemente perseguidas e assediadas como "não-trabalhadoras" por meio das leis de vadiagem. Até a década de 1980, os brasileiros podiam ser presos por até três meses por "vadiagem" a menos que pudessem demonstrar meios legais de sustento. […] Por meio do uso das leis de "vadiagem", a polícia podia prender mulheres que trabalhavam de forma independente ou em locais designados como "zonas livres de prostituição" (SANTOS et al., 2021, p. 4, tradução nossa[12])

Ainda hoje a prostituição não é uma profissão regulamentada no Brasil, que possui uma legislação confusa, ora apontando um caminho, ora outro, flutuando entre as concepções proibicionistas, abolicionistas e de regulamentação (BONOMI, 2019). Apesar de hoje “profissional do sexo” constar na Classificação Brasileira de Ocupações, o estigma e a resistência a entender tais atividades enquanto trabalho persistem.

Para além das questões supracitadas das próprias plataformas em tentar cercear a pornografia, um caso chama atenção recentemente, em outubro de 2023. A criadora de conteúdo adulto Martina Oliveira, popularmente conhecida como "Beiçola do Privacy/OnlyFans" — apelido pejorativo[13] criado por uma legião de internautas críticos a ela, por supostamente ter um corte de cabelo parecido com o personagem da série "A Grande Família", mas sobretudo na intenção de ridicularizá-la em razão de suas condutas sexuais —

---

[12] Prostitutes—like many poor, informal laborers—were frequently persecuted and harassed as “non-workers” through vagrancy laws. Until the 1980s, Brazilians could be jailed for up to three months for “vagrancy” unless they could show legal means of support. […] Through use of “vagrancy” laws, police could jail women working independently or in places designated as “whore free zones”.

[13] Apesar de inicialmente o nome ter tido a intenção de ser pejorativo, a criadora se apropriou dele e usou como publicidade para si. Dessa forma, não mais sendo ofensivo para a própria, considero razoável mencionar esse apelido.

foi notificada pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul por seus cartazes divulgando seu perfil do Privacy[14].

Figura 3 - Cartaz da “Beiçola do OnlyFans/Privacy”

Fonte: Instagram de Martina Oliveira[15].

É interessante notar que, independente de se concordar ou não se a propaganda é adequada, a representação contra a criadora se deu por supostos danos ambientais e poluição visual, diretamente pelo Secretário Municipal do Meio Ambiente. O Ministério Público alegou que a ação movida contra ela não tem relação com o conteúdo divulgado — isso porque parece difícil enquadrar juridicamente alguma violação nesse sentido, haja vista que mesmo com a leitura do QR code, o conteúdo explícito só seria liberado após pagamento, não muito diferente da exibição de uma revista adulta numa vitrine de banca de rua. No entanto, a partir dos acúmulos da questão dos discursos da sexualidade na qual Foucault se desdobrou, parece mais razoável acreditar que se trata igualmente de uma forma de estigmatizar e cercear uma sexualidade "excessiva" e, portanto, "anormal". É de se questionar, por exemplo, se tantos outros cartazes espalhados pelos centros urbanos também recebem tamanha atenção dos órgãos jurídicos do Estado, ou se seria apenas mais uma forma de regulação velada das condutas sexuais por parte deste.

---

[14] UOL. **'Beiçola do Privacy' é alvo do MP após divulgar conteúdo adulto em outdoors**. 2023. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/10/23/martina-oliveira-outdoor.htm. Acesso em: 10 out. 2023.

[15] Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cx0p4MTgqC_/.

Afinal, ainda que haja todo esse estigma e marginalização dos comportamentos e dos indivíduos que criam conteúdo adulto, como foi possível que tantas pessoas "comuns" tenham adentrado esse mercado? E, ademais, como isso possivelmente se relaciona com o discurso publicitário e neoliberal propagado tanto pelas plataformas como por criadores de conteúdo?

3.2. UBERIZAÇÃO E PLATAFORMIZAÇÃO DO SEXO

Com o avanço das tecnologias e a consolidação do neoliberalismo, tanto em níveis objetivos por meio de suas políticas econômicas quanto em níveis subjetivos, considerando o que Han (2018) chama de "sujeito neoliberal", novas discussões e terminologias surgem para abordar novos fenômenos. Enquanto as *big techs*, que cada vez mais concentram poder, adotam o termo "economia compartilhada" do outro lado, para aqueles que não fazem parte do 1% mais rico, que embolsaram 2/3 de toda a riqueza global na pandemia[16], o mesmo fenômeno é descrito como "uberização" e "plataformização".

A uberização nomeia um fenômeno amplamente conhecido, debatido e estudado até mesmo por aqueles de fora da academia. Dificilmente podemos pensar em alguém que viva em grandes centros urbanos hoje que não tenha se utilizado de serviços como *Uber*, *iFood* ou *Rappi*. Trata-se dessa nova forma de gestão e controle da força de trabalho, onde os direitos são eliminados e os custos e riscos são transferidos para os trabalhadores que, em realidade, sequer são reconhecidos como tal perante às empresas (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021, p. 27). Entregadores e motoristas, nos exemplos dos apps citados, trabalham sem contrato, com jornadas ilimitadas e sem direitos assegurados. Durante a pandemia houve, inclusive, massivas mobilizações de entregadores de aplicativos que ficaram conhecidos como os "breques dos apps", onde os trabalhadores lutavam por condições mínimas de trabalho e garantias sociais.

Isso se relaciona diretamente com a ideia do sujeito neoliberal. Afinal, o discurso publicitário propagado por essas companhias reforça a ideia de que tais trabalhadores seriam, em realidade, seus próprios chefes, empreendedores de si. Não poderiam ser, por óbvio, portanto, trabalhadores subordinados a uma empresa:

> O trabalhador just-in-time aparece como um empreendedor de si – que define seu tempo e local de trabalho, seus instrumentos e suas estratégias –, mas podemos deslocar a noção de empreendedorismo para a de autogerenciamento subordinado (Abílio, 2019), pois é transferido para o trabalhador um gerenciamento de si, que se

[16] De acordo com relatório da Oxfam de 2023: https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-embolsou-quase-duas-vezes-a-riqueza-obtida-pelo-resto-do-mundo-nos-ultimos-dois-anos/.

> faz na relação com regras que se informalizaram, e que regem ferrenhamente o trabalho. (…) As garantias e limites socialmente estabelecidos e regulados, que operam na determinação do tempo de trabalho, do salário, da saúde e segurança, vão cedendo espaço a uma gestão individualizada da sobrevivência, que hoje aparece como o empreendedorismo de si. (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, p. 40-41)

É claro, que, em teoria, os trabalhadores desses aplicativos realmente poderiam regular suas jornadas de trabalho. No entanto, há de se questionar se, na prática, em uma economia cada vez mais informal e fragilizada, há condições materiais para tal. Não obstante, devemos adicionar a questão da plataformização, que complexifica o debate.

> A plataformização (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020), então, significa a crescente dependência de mecanismos de plataformas nos mais diferentes setores da vida, isto é, como a introdução de plataformas digitais significa mudanças e/ou permanências em aspectos sociais e culturais. (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021, p. 36)

Como pensar o trabalho, a renda e a vida daqueles que hoje se dedicam exclusivamente ao trabalho por apps, sem os aplicativos? Anterior à existência de tal fenômeno, entregadores tinham contratos e empregos vinculados diretamente aos estabelecimentos. Não havia, portanto, uma dependência e concentração de poder tão grande em apenas uma ou duas empresas. Se um restaurante fechasse, o entregador poderia ir para outro estabelecimento. Com a ascensão dos aplicativos de entrega, são cada vez menos restaurantes que possuem tal modalidade, aumentando a dependência dos motoboys com essas plataformas.

Aproximando o debate da presente pesquisa, retoma-se episódio citado no capítulo anterior, no qual o OnlyFans ensaiou banir conteúdo adulto da plataforma. Da noite para o dia, milhares de criadores de conteúdo adulto poderiam perder seu trabalho por uma decisão unilateral da empresa. Mesmo que o site por óbvio só consiga arrecadar cifras bilionárias de receita por causa dos criadores, não há garantia alguma ou reconhecimento destes últimos enquanto trabalhadores. Afinal,

> empresas, hoje, batalham para serem reconhecidas como mediadoras, comumente se definindo como empresas de tecnologia: assentam-se na defesa de uma neutralidade técnica, apresentam-se como meramente responsáveis por prover o encontro mais eficiente entre oferta e procura. Entretanto, **elas detêm o poder de definir as regras do jogo sem fixá-las**: determinam como opera a distribuição do trabalho, sua precificação, quem será incorporado e, também, quem é desligado ou bloqueado nas plataformas. Os critérios não são claros e podem nem mesmo ser mapeáveis, mas estão permanentemente presentes. (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021, p. 39, grifo nosso)

Destaca-se o trecho acima pois, ainda que especificamente no caso citado a empresa tenha voltado atrás após mobilização virtual dos criadores de conteúdo por meio da *hashtag #SexWorkIsWork*, não há qualquer garantia que a revisão da decisão seja mantida. Novamente, o poder está totalmente concentrado nas plataformas, que podem mudar suas políticas unilateralmente.

Soma-se a isso a questão da estigmatização do trabalho sexual discutido anteriormente, gerando um cenário de instabilidade, fragilidade e incertezas ainda maior para os criadores de conteúdo. Na grande maioria de sites de redes sociais, como TikTok, Facebook e Instagram, qualquer tipo de conteúdo sexual já é veementemente banido e, em alguns casos, mesmo conteúdo meramente sugestivo e não explícito, sofre algum tipo de boicote das plataformas. A este fenômeno, tem se dado o nome de "desplataformização" do sexo (BLUNT et al., 2021), que envolve a remoção de publicações, diminuição do alcance e, até mesmo, a suspensão total do usuário. No último caso, muitos criadores recorrem à via judicial para recuperar suas contas. Ao conseguirem — o que ocorre em grande parte dos casos para aqueles que entendem que o desgaste e burocracia valem a pena — comprovam a arbitrariedade da moderação das plataformas. Não conseguiriam, afinal, recuperar suas contas se a moderação estivesse fundamentada nas políticas internas próprias e amparada legalmente.

Isso atinge especialmente usuários que vendem conteúdo adulto pois, como dito, as plataformas OnlyFans e Privacy não possuem um sistema de busca ou forma de encontrar certos usuários e conteúdos. Portanto, os criadores de conteúdo precisam recorrer a meios externos para promover seus perfis. Em geral, isso ocorre através de outros sites de redes sociais. É necessário, então, um verdadeiro jogo de cintura por parte dos criadores de conteúdo que precisam equilibrar uma sensualidade provocativa, mas sem esbarrar na moderação de conteúdo das plataformas que, como dito anteriormente, se mostram totalmente arbitrárias.

Boa parte dos criadores utiliza como plataforma principal de divulgação o X (antigo Twitter), onde as políticas, em geral, permitem conteúdo sexual[17]. No entanto, justamente essa companhia traz uma enorme sensação de instabilidade no momento devido às aventuras imprevisíveis de seu recém-adquirente, Elon Musk. A cada dia mudanças abruptas são feitas na rede social, muitas delas decididas em enquetes pelos seguidores do bilionário, sem

[17] Ainda assim, não são raros relatos de criadores de conteúdo que tiveram contas bloqueadas, alcance das publicações rebaixadas e sofreram de *shadow ban* (quando uma conta não aparece na busca da plataforma e suas publicações não aparecem no feed dos outros usuários, mesmo que seguidores) mesmo tomando cuidados para seguir as normas das plataformas.

justificativa. Atualmente, por exemplo, o X responde automaticamente e-mails de jornalistas com um emoji de fezes.

Figura 4 - Tweet da BBC Brasil a respeito do X

Fonte: Twitter da BBC News Brasil[18]

A título de reflexão, adiciona-se ainda uma última questão que perpassa a discussão. O texto utilizado para discutir a uberização e a plataformização, de Abílio, Amorim e Grohmann, questiona "como expressar os processos de precarização, degradação e flexibilização em um mercado de trabalho precário, informal, degradado e flexível de nascença" (2021, p. 29), referindo-se ao cenário brasileiro, enquanto país do sul global e de economia em desenvolvimento.

Aqui se propõe um paralelo. Ao pensarmos em trabalho sexual, como falar de precarização, degradação e flexibilização num mercado que sempre foi marginalizado, estigmatizado e, quando não, criminalizado? Quais seguranças atores pornográficos possuem? Quais seguranças trabalhadores do sexo possuem física, social, política e juridicamente? E em que medida o fenômeno do OnlyFans e Privacy ajudou a colocar esses trabalhadores num patamar minimamente mais aceitável – se é que ajudou? Será que os trabalhadores do sexo utilizam isso a seu favor? Ou são diferentes indivíduos que ocupam cada um desses espaços — a dizer, as ruas e as plataformas? Seria possível compreender que essa nova modalidade de

[18] Disponível em: https://twitter.com/bbcbrasil/status/1645488020932501508

trabalho sexual regrediu ou avançou em condições para os que atuam nele? Bebendo do pensamento de Edgar Morin (2007), pode-se observar esses fenômenos em sua profundidade e complexidade, sem binaridades e dicotomias, aceitando suas ambiguidades e ambivalências. Há muito ainda a avançar na discussão a respeito das plataformas de venda de conteúdo sexual, sobretudo no Brasil.

4. OS DISCURSOS PUBLICITÁRIOS

A notoriedade e amplitude do fenômeno não poderiam estar desamparadas de discursos publicitários que a promovem. Percebemos que essas noções vêm não apenas das plataformas, diretamente beneficiadas por eles, mas também por parte de criadores de conteúdos mais notórios.

4.1. “MONETIZE LIBERDADE”: O LADO DAS PLATAFORMAS

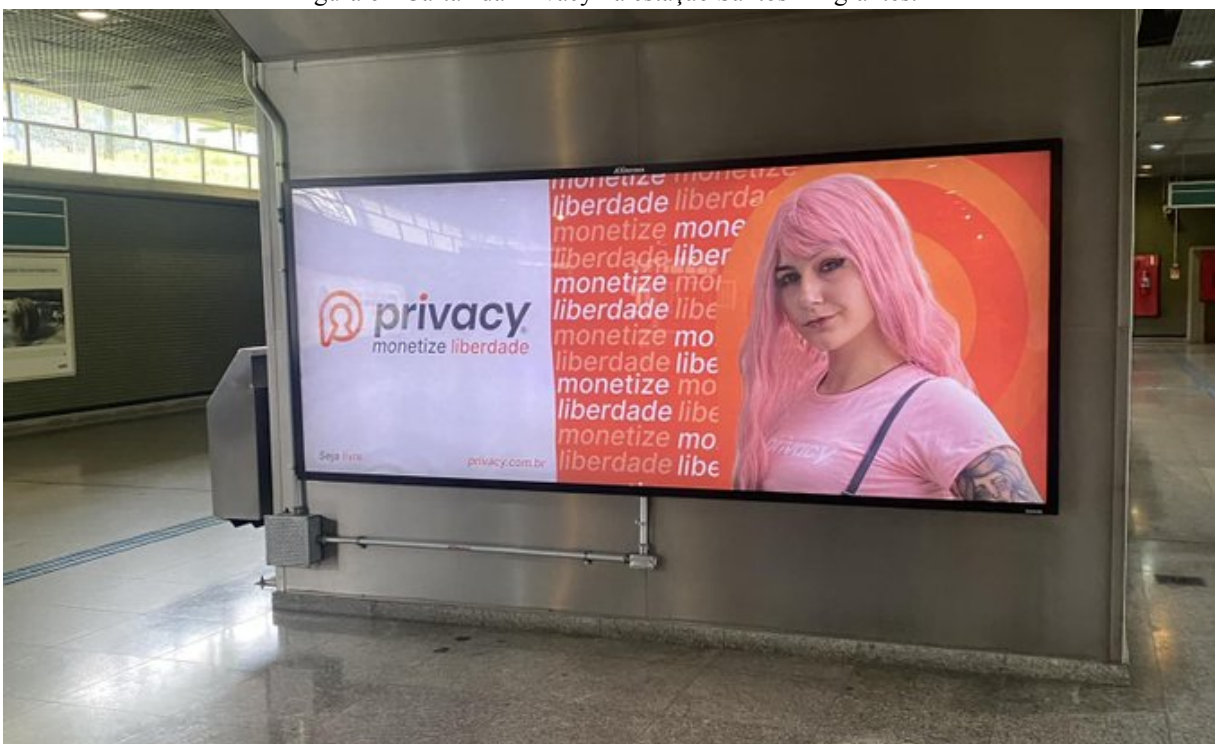
Em novembro de 2022, a Privacy iniciou uma campanha publicitária com o mote "Monetize liberdade". Com dez pontos espalhados pela capital paulista, as peças traziam imagens de criadores de conteúdo da plataforma notáveis, como Erasmo Viana, Tati Zaqui, Gabrielli Dort, Cibelly Ferreira e Bunnylha ao lado do slogan da ação. De acordo com o próprio cofundador e CEO da empresa, a Privacy estava passando por um processo de rebranding, deixando de ser apenas uma plataforma de venda de conteúdos e se consolidando como um "*movimento social* de liberdade financeira"[19].

Figura 5 - Cartaz do Privacy na estação Anhangabaú.

[19] **Privacy cria campanha publicitária e promove criadores de conteúdos nas ruas de São Paulo**. ABC da Comunicação, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.abcdacomunicacao.com.br/privacy-cria-campanha-publicitaria-e-promove-criadores-de-conteudos-nas-ruas-de-sao-paulo/>. Acesso em: 8 nov. 2023

FONTE: ABCDacomunicação[20]

Figura 6 - Cartaz da Privacy na estação Santos-Imigrantes.



FONTE: Tweet de usuário[21].

Sabemos que a publicidade atualmente é uma das engrenagens fundamentais para a sustentação do sistema de produção no qual vivemos, isto é, o capitalismo. Não é necessário discorrer a respeito da importância e relevância de seu papel enquanto fomentadora do consumo, na persuasão e convencimento da compra. Não é possível que ela o faça, no entanto, a partir de um vácuo. A publicidade não possui, por si só, o poder de implantar ou criar desejos e vontades que não estavam, de algum modo, latentes naqueles atingidos por ela.

> Artifício de sedução social, a publicidade e a propaganda não são pura criação ou arbitrariedade imposta: elas se apoiam em tendências latentes, em desejos

[20] Disponível em: https://www.abcdacomunicacao.com.br/privacy-cria-campanha-publicitaria-e-promove-criadores-de-conteudos-nas-ruas-de-sao-paulo/.
[21] Disponível em: https://twitter.com/arthurtaytsohn/status/1591450885561126912

> manifestos, em inclinações não implícitas, mas detectadas, e as manipulam, induzindo ao consumo, à aceitação, ao maravilhamento (PESAVENTO apud CASAQUI, 2011, p. 140)

Ao mesmo tempo, a realização oferecida a tais desejos latentes não necessariamente significa soluções reais para os problemas dos indivíduos, sejam quais forem. A intenção final da publicidade ainda é, por óbvio, a venda, o convencimento. O que se vende discursivamente na publicidade, por muitas vezes, não é o serviço ou produto em si, mas a solução, o atendimento a uma vontade. Nas peças publicitárias especificamente em análise aqui, promete-se alcançar, através do uso da plataforma de venda de conteúdo — ou, como o próprio CEO prefere colocar, a adesão a um *movimento social* — a liberdade.

O que, afinal, significa essa liberdade, a ser monetizada? Não sabemos. Acreditamos que não seja a intenção da plataforma que se chegue a essa resposta. Afinal, é no campo do abstrato e do genérico que podemos significar esse vácuo a partir daquilo que nos falta individualmente. Dificilmente poderíamos pensar em alguma pessoa que acredite que ter mais liberdade não seria benéfico, em que pese a ideia dessa liberdade possa significar algo diferente para cada um.

> Nos universos simbólicos das marcas, o ser humano é projetado em sua incompletude e na completude sugerida pelas narrativas que revestem as mercadorias e as corporações, através da codificação de imagens e de imaginários presentes em dado cenário social. (CASAQUI, 2011, p. 140-141)

Porém, muito além de sua dimensão e ação direta na ação do consumo, a publicidade, ao operar na lógica do sistema econômico-político-produtivo, ainda faz o essencial papel de dar autonomia à mercadoria ou ao serviço oferecido ao ocultar o seu processo produtivo e separá-lo do bem final. Assim, a estética do consumo, o mundo da circulação e do comércio dão as caras, enquanto esconde-se a produção, a fábrica e a exploração (CASAQUI, 2011). Assim, as dificuldades, estigmas, instabilidades, ausências de direitos e garantias e hiperexposição, tornam-se, agora, liberdade a ser monetizada. Mais que isso, fazem parte de um *movimento social*. Há um processo de higienização nas aparências de um trabalho desregulamentado e precarizado, com possíveis consequências sociais, sem que nada disso fique evidente.

O discurso publicitário propagado pela Privacy no caso analisado e todas as suas implicações, portanto, pode ser encarado como uma das causas para que o fenômeno da venda de conteúdo adulto através de plataformas tenha se popularizado. Ao desassociar a atividade do trabalho sexual, tão marcado por preconceitos e estigmas e associá-lo a um movimento rumo à uma liberdade em total abstrato, higieniza e mascara os desamparos e dificuldades que possam vir a ser enfrentados por aqueles que adentram nesse mercado. Apoia-se, sobretudo,

no discurso da uberização, do sujeito neoliberal de Han e do trabalhador *just-in-time* de Abílio. A liberdade é, afinal, melhor do que qualquer garantia social e estabilidade que um trabalho formal possa oferecer.

4.2. “EU NÃO NASCI PRA TRABALHAR COMO CLT”: O LADO DOS CRIADORES

O discurso neoliberal publicitário não é propagado apenas pelas companhias, mas também endossado e replicado por muitos criadores de conteúdo. Já exploramos a questão do sujeito neoliberal de Han anteriormente, mas vejamos aqui na prática: a música "OnlyFans" da cantora e criadora de conteúdo adulta Bibi Babydoll acumula mais de 5 milhões de reproduções no Spotify. Seus dois únicos versos que se repetem ao longo de toda canção dizem: "Eu não nasci para trabalhar como CLT / Abri meu OnlyFans e é foto que eu vou vender"[22].

Entendemos que a música antes de tudo serve para que a cantora possa divulgar o fato de que possui um perfil nas plataformas, isso porque, como já dito anteriormente, não há sistema de busca ou descoberta de novos perfis dentro dos sites. Assim, os criadores de conteúdo são obrigados a encontrar formas de se autopromover para fora das plataformas, usando os mais variados métodos.

O mais comum é divulgar trechos de seus conteúdos no X (antigo Twitter), por esta plataforma permitir a publicação de conteúdo adulto. Em seguida, a divulgação de sua própria imagem, de forma mais discreta, como uma simples foto ou vídeo em trajes de praia, em redes sociais como Instagram e TikTok. No entanto, em um cenário altamente competitivo, justamente devido à popularização do fenômeno, aliado à desplataformização de conteúdos sugestivos, como já mencionado anteriormente, é necessário sempre estar buscando novas alternativas. Como também já mostrado, por exemplo, a “Beiçola do Privacy” optou por divulgar cartazes pelas ruas de sua cidade. Já no caso acima destacado, a cantora Bibi Babydoll optou por fazer uma música para divulgar seu perfil. A música, é claro, também serve para impulsionar sua carreira musical, o que, mais uma vez, acaba por divulgar também seu trabalho nas plataformas.

[22] É importante notar que o termo "OnlyFans" parece ter ganho um sentido mais amplo, que denota toda a categoria mais ampla de plataformas de venda de conteúdo, incluso a Privacy e outras, da mesma forma que a expressão "dar um Google" se refere a buscar algo, ainda que em outros buscadores, como Yahoo e Bing. Ainda, boa parte dos criadores de conteúdo brasileiros possuem perfis em ambas plataformas, de modo que os discursos publicitários, diretos ou indiretos, a respeito de qualquer plataforma atinjam ambas uma também.

Em seguida, entendemos que a música, assim como todas as outras formas citadas de autopromoção dos criadores de conteúdo, também cumprem um outro papel, ainda que não intencional: a divulgação das plataformas. Isto é, ao anunciar que possui um perfil nos sites, o próprio nome das plataformas reverbera entre o público que é atingido pela música, corroborando com a ideia de "assimilação cultural" do OnlyFans (HAMILTON et al., 2023, p. 2). Nesse sentido, em que pese o OnlyFans tente oficialmente não se vincular à venda de conteúdos sexuais e a Privacy se intitule parte de um movimento social, percebemos que as narrativas já não podem mais serem totalmente controladas unicamente pelas marcas.

> As marcas já não são das organizações, mas têm seu valor no diálogo com seus consumidores (PEREZ, 2004), por isso a participação e o engajamento são determinantes da sobrevivência das marcas em tempos de alta competição e de múltiplas possibilidades de consumo. (TRINDADE; PEREZ, 2019, p. 12)

No entanto, a mensagem secundária da música, isto é, das vantagens de ter um OnlyFans e a suposta superioridade ante ao trabalho nos moldes CLT, não parece entrar em conflito com a narrativa das plataformas. Muito pelo contrário, corrobora justamente com o discurso neoliberal publicitário aproveitado por elas. Se por um lado podemos ver uma aparente contradição, com os criadores de conteúdo endossando um discurso que na prática possa ser prejudicial contra eles mesmos, por outro, entendemos os

> (…) consumidores como receptores das comunicações das marcas e dos valores socioculturais, circulantes como tendências de consumo, as quais, por meio dos contatos com as mais diversas expressões marcárias (entendidas também como sujeitos institucionais comunicativos), propiciam a apropriação cultural de tais valores para vida cotidiana via práticas socioculturais de consumo midiatizadas. (…) Isto significa constatar que posições éticas e críticas ao consumo convivem com posições de conformidade, conforto, bem-estar, prazer, gozo e formas de exploração dos recursos naturais a qualquer custo. Os consumidores terão, dentro das identidades múltiplas, descentradas ou fragmentadas, distintas posições para situações de consumo diferentes. (TRINDADE; PEREZ, 2019, p. 4)

Aqui, mais uma vez, é fundamental a compreensão não apenas das pessoas em sua complexidade, mas das ambiguidades e ambivalências dos fenômenos, novamente seguindo Edgar Morin (2007). Portanto, ao mesmo tempo em que o discurso atua como autopromoção para a criadora em questão, ajudando seus ganhos financeiros, endossa um modo de trabalho que possivelmente precariza as condições e garantias sociais.

Há aqui ainda outra perspectiva que pode ser colocada em jogo. Ao se apoderar do seu trabalho, enquanto parte do mercado sexual, a música e a cantora podem também serem entendidas como parte de uma luta contra a estigmatização e marginalização dessas atividades. Afinal, se os discursos que regulam os comportamentos entendem a produção e

venda de pornografia como um desvio normativo-sexual, orgulhar-se de realizá-lo pode ser visto como uma forma de subversão e resistência.

Finalmente, há que se questionar também se, genuinamente, as condições de trabalho daqueles que criam conteúdo adulto são de fato superiores ou inferiores ao trabalho CLT — e para quem é superior e para quem é inferior — e, sobretudo, se há um avanço em relação às outras formas de trabalho sexual anteriores. Como apontado por Abílio, Amorim e Grohmann (2021), parece desafiador nomear um suposto processo de precarização do trabalho em um mercado que sempre foi precarizado.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

Para compreender o fenômeno com profundidade, foi essencial a participação dos agentes diretamente envolvidos na discussão. Ao se falar em trabalho sexual, parece ainda persistir uma visão que por vezes pode ignorar a agência dos trabalhadores e sua própria percepção. Ao ir a campo e conversar com essas pessoas, muitas pesquisas se depararam com uma realidade divergente do que existe no pensamento de algumas teorias e em certos grupos da sociedade:

> Há diversas compreensões acerca da prostituição e da sua cadeia de relações. Para algumas teóricas feministas abolicionistas, a prostituta é concebida como um ser desprovido de ação, detentora da dor, do sofrimento e do abuso. A prostituição, por sua vez, é compreendida como uma estrutura opressora responsável pela precarização das vidas das mulheres (DWORKIN, 2000; MACKINNON, 1982).
> Entretanto, nesta pesquisa, a "vítima" construída e abordada pela literatura abolicionista não foi encontrada. Durante o trabalho de campo, que durou cerca de 15 meses, as mulheres, apesar dos contextos de precariedade, vislumbram a prostituição enquanto um "trabalho dentre os disponíveis, que não é bom e nem ruim, garante o ganha-pão e a educação dos filhos" (Nota caderno de campo, 23/09/2017).
> Essa percepção foi compartilhada por outras investigações na área dos Estudos de Gênero. A partir dos anos 1980, diversas pesquisadoras (KEMPADOO, 1998; VANCE, 1982; CHAPKIS, 1997) trouxeram contribuições que buscaram romper com a visão estática que associa violência à prostituição. (BONOMI, 2019, p. 23)

Portanto, para não incorrer no erro de termos uma visão que ignora quem está no campo, foram realizadas 5 entrevistas com roteiro semiestruturado, tendo como alvo os próprios criadores de conteúdo adulto que realizam suas vendas através das plataformas OnlyFans e Privacy. Dos entrevistados, 2 foram selecionados por conveniência (privilegiando um criador de conteúdo com grande notoriedade e um ainda em ascensão) e 3

voluntariamente através de um tuíte divulgando a pesquisa. Todos os entrevistados são brasileiros, cisgêneros e homossexuais e possuem entre 23 a 29 anos[23].

As entrevistas foram realizadas virtual ou presencialmente, considerando as possibilidades materiais — a maioria dos entrevistados não era de São Paulo. Com o consentimento dos participantes, o áudio foi gravado e transcrito (ver apêndices). Os nomes e informações sensíveis ou identificáveis que porventura apareceram foram omitidas e uma letra foi atribuída a cada criador.

Para a análise das entrevistas, foi escolhido o método da análise temática (BARDIN, 2016; SOUZA, 2019). A definição dos temas e, quando apropriado, subtemas, foi feita sobretudo de modo dedutivo, a partir do que foi discutido previamente neste trabalho e dos objetivos da pesquisa, mas sem excluir a possibilidade de inclusão de outros temas pertinentes percebidos nas conversas.

5.1. MOTIVAÇÕES

Um dos principais objetivos da entrevista era de entender o que levava pessoas "comuns", anônimas até então, sem contato anterior com outras formas de trabalho sexual, a vender conteúdo adulto. Este foi, portanto, o ponto de partida. Todos os entrevistados apontaram que iniciaram suas atividades ou por questões financeiras, ou por um certo fetiche.

DINHEIRO. A partir de tudo analisado até aqui, é de se imaginar que essa seja a principal resposta. Dos 5 entrevistados, 3 (D, M, O) afirmaram que o dinheiro foi a motivação principal para iniciar a venda de conteúdo adulto por plataformas.

> *Fiquei muito pensativo em relação a isso, por conta dos julgamentos, etc. Mas eu precisava de dinheiro, eu tava na faculdade ainda, terminando a faculdade, então eu não conseguia trabalhar porque eu fazia faculdade em outra cidade. E foi o principal motivo, assim, na época, pra ter. E aí depois eu continuei porque desempregado, preciso de dinheiro, me dá um dinheiro certo, assim, pelo menos. Não certo, né, mas pelo menos tem alguma coisa.* (D)

A ideia de que é realmente possível alcançar alguma quantia razoável de dinheiro através dessa atividade não pode surgir de um vácuo. As promessas de dinheiro, liberdade financeira, e superação do que é visto como o já antiquado modo de trabalho CLT, circulam tanto por meio das próprias plataformas, como de criadores de conteúdo e na cultura pop e

[23] É importante reconhecer que a pesquisa acabou por fazer um recorte privilegiado: além de todos os entrevistados serem homens, todos já tiveram algum contato com o ensino superior, seja graduando, graduado ou que iniciou a faculdade. Embora não seja possível afirmar que os resultados necessariamente seriam diferentes fosse feito um outro recorte, por exemplo, com mulheres, não se pode perder essa possibilidade de vista.

parecem ser decisivos para que o fenômeno aconteça. Um dos criadores afirma que a ideia desse discurso foi a única e exclusiva motivação para sua entrada:

> *É, influenciou completamente. Eu não teria começado se não fosse isso. Então, a questão da liberdade financeira, é, influenciou completamente. Estritamente, o motivo que eu passo é estritamente só por causa disso. Eu gosto, eu me divirto, mas, né, dado o momento que isso parar de dar dinheiro, eu também iria parar de fazer.* (O)

No entanto, percebemos ao longo das entrevistas um outro motivo pelo qual essa possibilidade de ganho financeiro surgiu. Dois entrevistados (D, M) alegaram que já recebiam mensagens de pessoas pedindo conteúdos sexuais, inclusive mediante pagamento. Viram, portanto, que existia realmente uma oportunidade.

> *Eu já tive gente que pedia, sei lá, pack, né? Tipo, no Instagram, no Twitter, sei lá. E eu falei: "ah gente, já que tem uma galera que curte isso, por que não?" E aí foi essa questão de tirar dinheiro de uma situação que já acontecia, assim, sabe... que poderia dar uma certa renda.* (D)

PRAZER. Um segundo motivo que se mostrou presente nas entrevistas foi uma questão de fetiche, exibicionismo e prazer. A atividade de tirar *nudes* ou se gravar em atos sexuais já constituía parte da rotina de alguns. No entanto, o compartilhamento do material acontecia reservadamente com outras pessoas com quem eles tinham interesse sexual — ato conhecido como trocar *nudes*. Apenas um dos entrevistados já possuía uma conta no X (antigo Twitter) onde postava de forma pública o conteúdo, e chega a quase desconsiderar o dinheiro da equação: "*eu faço mais por diversão. Porque como eu sou pequeno*[24] *e o dinheiro que entra não é muito*" (L).

Há um grau, portanto, de exibicionismo e prazer em ter sua imagem como objeto de desejo por outros que também motiva as pessoas a iniciarem a criação de conteúdo adulto. A venda no caso acima, parece secundária. Já para os outros entrevistados que citaram o prazer como fator motivador, a venda parece entrar como uma forma de unir o útil ao agradável, sem uma clara hierarquia de qual dos fatores foi o principal motivador.

> *É algo como um prazer pra mim, mas também como se fosse entrar um dinheiro extra nas minhas coisas, assim, de vida financeira e tudo mais, então entra um dinheiro que ajuda ali a pagar algumas coisinhas. Então é ambos, é prazer e dinheiro... entre os dois. (M)*

Nesse sentido, J relata da mesma forma a criação de conteúdo como uma questão de prazer pessoal, sendo que já gravava suas relações sexuais com frequência. Foi a partir do incentivo de um criador de conteúdo que já possuía conta no OnlyFans que decidiu abrir

[24] Pequeno no caso se refere ao número de seguidores que possui em suas contas nas mídias sociais.

também. No entanto, ele pontua que, logo em seguida, o dinheiro entrou como motivação não para abrir sua conta, mas para permanecer postando conteúdo.

> *Eu sempre tive muito fetiche em assistir. Então, antes da gente abrir a conta, eu e o Z[25], a gente... acho que um ano antes de abrir a conta... toda vez que ele ia transar com outra pessoa eu pedia pra ele gravar. [...] essa foi uma das motivações de eu começar a criar conteúdo. De, tipo, gravar o sexo. [...] E assim, eu acho que teve a motivação pra começar, que foram essas duas: gostar de fazer isso; e ser incentivado. Mas não foram as motivações pra manter. [...] o dinheiro, ele entra depois, como motivação pra continuar fazendo isso. Porque eu acho que se fosse algo que não fosse tão rentável, talvez não tivesse valido a pena.* (J)

Percebemos, portanto, que o dinheiro foi elencado como o principal fator motivador para iniciar a venda de conteúdo adulto por plataformas. Isso não pode ser desvinculado dos discursos publicitários neoliberais analisados anteriormente, tendo contribuído para a percepção e ideia do retorno financeiro com a atividade. Uma descoberta a partir das entrevistas foi o aproveitamento de oportunidade dos entrevistados que já recebiam propostas individualmente e decidiram adentrar no ramo publicamente. Por fim, o prazer pessoal e o fetiche entram como fator presente também, em que pese aparente ser secundário, visto que, por exceção de um entrevistado, todos vincularam também à questão financeira em algum momento.

5.2. A CRIAÇÃO E VENDA DE CONTEÚDO ADULTO

Ao serem questionados a respeito de terem contato com alguma outra forma de trabalho sexual anterior ao OnlyFans ou Privacy, nenhum dos entrevistados relatou ter tido experiência. Em realidade, não houve consenso por parte dos entrevistados se a venda de conteúdo online sequer poderia ser classificada como trabalho sexual. Na visão de D

> *[...] é uma categoria diferente. Porque não... Assim, claro que tem pessoas que chegam a gravar conteúdos sexuais com outras pessoas na plataforma, mas eu consigo ver como algo mais abrangente do que isso, sabe? A pessoa não precisa necessariamente estar transando pra poder ter o OnlyFans. Tem gente que tem o OnlyFans aí, sei lá, pra postar foto, pé, ou coisas do tipo.* (D)

Já O, apesar de considerar trabalho sexual, entende que a atividade se diferencia tanto de outras modalidades que não poderia se comparar:

> *É trabalho sexual, mas eu não... Comparado com todas as outras categorias de trabalho sexual, ele é uma coisa completamente à parte. Eu acho, pelo menos.* (O)

[25] "Z" aqui representa o namorado de J à época.

Muitos dos próprios criadores de conteúdo não chegam a considerar a venda de conteúdo adulto como trabalho para si, ainda que ganhem dinheiro com isso e tenham iniciado seus perfis com essa exata intenção. É o caso de D, M e L. O enquadramento da atividade enquanto trabalho ou não para cada um parece estar diretamente ligado com a importância da renda obtida para a vida de cada entrevistado. Isto é, os que não consideram trabalho procuram se manter financeiramente de outras formas, e o dinheiro obtido pelas plataformas não é algo com o qual eles contam, sendo considerado um "extra". Já O e J, que consideram trabalho, mantêm suas vidas apenas com o dinheiro obtido pelas plataformas.

Relacionado a isso, também parece não haver consenso por parte dos entrevistados a respeito da ideia de que a venda de conteúdo seria uma forma de ganhar dinheiro fácil. Ainda que D e M não considerem suas atividades nas plataformas como uma forma de trabalho, discordam da ideia, abordando algumas dificuldades, seja da própria atividade ou de suas consequências sociais:

> *Então, acho que tem muita gente que fala que é dinheiro fácil, né? Você tá escolhendo uma coisa que dá dinheiro fácil. Eu não acho fácil, porque você tá lidando com pessoas, tá lidando com exibição, rede social, enfim.* (D)

Os criadores também relatam que a rotina de suas atividades não é tão simples quanto aparenta, envolvendo também atividades de relacionamento, social media, planejamento e análise de dados. J chega a apontar que até mesmo sua alimentação e rotina de exercícios constituem parte de sua atividade laboral, uma vez que sua imagem está em jogo atrelada à sua rentabilidade:

> *Criar o conteúdo; editar o conteúdo; separar os trechos principais que vão... que a gente vai usar como divulgação; A parte de network, que é conhecer as pessoas, se envolver, conversar, pra também fazer parceria. Eu tenho uma parte analítica, né? Então, eu tenho gráficos, dashboards, onde eu coloco lá, diariamente, o que tá entrando de assinantes. E eu sempre tenho uma noção de evolução mensal, rentabilidade. […] hoje em dia eu não faço mais tanto, mas também fazia muita pesquisa de mercado. Tipo, eu entrava... eu assinava os OnlyFans, e eu via pessoas grandes, e via como eles trabalhavam, e repliquei isso nos meus. […] Aí tem planejamento de conteúdo, que isso também eu faço. Então, tipo, uma vez por mês, ou algumas vezes por mês, eu entro e planejo o conteúdo dos próximos 30 dias. […] Cuidar do corpo... tipo, treinar. Então, hoje em dia eu tenho muito mais disciplina do que tinha antigamente.* (J)

Os entrevistados O e L, por outro lado, não apontam maiores dificuldades relacionadas à atividade em si, ainda que realizem as mesmas tarefas. No fim, a ideia do que seria considerado “fácil” ou não parece muito relativa às expectativas de cada um. Ainda que os motivos para tal visão variem, deve-se refletir o quão esse pensamento está permeado pela percepção de associação do trabalho sexual com "vadiagem", que vigorava há poucas décadas legalmente, mas ainda persiste no imaginário popular.

VANTAGENS. Assim como o dinheiro aparece como tópico principal nas motivações para os criadores de conteúdo iniciarem a venda por meio das plataformas, o dinheiro também se destacou como a principal vantagem do OnlyFans/Privacy. Todos os criadores, até mesmo L, que não pontuou o dinheiro como fator para abertura de sua conta, relatam terem conseguido um retorno financeiro maior do que o esperado. Alguns chegam a comparar com os ganhos de trabalhos formais, relatando que o pagamento das plataformas supera o modelo tradicional.

> *Eu consegui financeiramente juntar em dois anos muito mais dinheiro do que eu conseguiria como CLT, […] hoje eu já penso em comprar um imóvel. É algo que eu nem cogitava quando trabalhava com CLT. […] esse ano eu realizei uma vontade de passar meses fora do país. É uma coisa que o OnlyFans proporcionou. Tanto financeiramente, quanto falando da questão da flexibilidade de eu não estar no mesmo lugar, de eu poder trabalhar o horário que eu quero.* (J)

> *Eu consegui pagar pelo menos uns três meses de faculdade aí. Então, me ajudou bastante. Eu ganhei um valor bem considerável em menos de dois meses, praticamente. Então, ajudou muito a ter uma renda ali a mais do que eu ganho normalmente quando eu trabalho. Me ajudou a pagar algumas coisas que precisava pagar. Então, é um dinheiro bom.* (M)

Ainda que a maioria dos criadores entrevistados tenha entrado no OnlyFans/Privacy pela questão monetária, percebe-se que os próprios não acreditavam que seriam capazes de arrecadar a quantia que acabaram conquistando.

Outro ponto levantado pelos entrevistados foi a questão do prazer, fetiche e autoestima. Diferente de L e J que abriram suas contas já motivados por isso, D e M relatam terem sido atravessados por esses sentimentos após o início das vendas, constituindo também uma das vantagens da atividade. Isto é, o prazer de serem desejados e vistos.

> *No começo era a questão do dinheiro. Depois eu comecei a achar interessante essa questão de pessoas querendo pagar para me ver. Começou a se tornar uma coisa que eu achei excitante também, sabe? De certa forma, cortando algumas partes, eu acho interessante. Tem gente que paga para me ver pelado, para me ver batendo punheta, para ver meu corpo. Então, também se tornou uma coisa... um certo tesão para mim.* (D)

COMPARANDO COM OUTRAS FORMAS DE TRABALHO SEXUAL. Apesar da falta de consenso a respeito do enquadramento do OnlyFans/Privacy nessa categoria, entendemos que todos ganham retornos financeiros a partir da venda de conteúdos sexuais, constituindo uma forma de trabalho sexual. Ainda assim, nenhum dos participantes relatou ter tido experiências no ramo anteriormente. Ao serem questionados o que havia de diferente em atuar nas plataformas, a questão de limites e segurança estiveram presentes em todas as respostas:

> *Eu acho que tem a ver com a questão de eu permitir eu ir até onde eu quero ir, sabe? Porque querendo ou não, é uma coisa que eu tenho feito sozinho, então eu posso me limitar ao que eu quero, postar o que eu quero exibir, até que forma eu quero […] Acho que a diferença é que eu não faço nada forçado. Sempre que eu faço é uma coisa muito... sabe, tenho tesão, vou bater uma punheta, vou gravar um vídeo. Então, assim, é uma coisa mais... gravando uma coisa que eu já faço.* (D)

Nesse sentido, os entrevistados entendem que trabalhos como a prostituição costumam a envolver riscos e relacionamentos com pessoas que não necessariamente são desejadas pelos trabalhadores. Ao atuar por meio das plataformas, os criadores de conteúdo ganham autonomia para decidir o que, como e com quem gravar — quando gravam com outros. Em realidade, 3 dos 5 entrevistados produzem apenas conteúdos solo por escolha própria, sem sexo envolvido, o que pode não ser uma possibilidade em outras formas de trabalho sexual.

> *Estou fazendo algo com uma pessoa que eu gosto, pelo meu prazer, e vou mostrar isso às pessoas que querem ver esse tipo de conteúdo, querem ver o meu prazer sendo exposto em uma câmera. […] você não está ali fazendo algo contra você mesmo ou algo contra os seus princípios ou algo do tipo.* (M)

> *No OnlyFans, eu tiro as fotos, eu edito, eu faço tudo, e eu escolho a... como a pessoa me vê. E eu tenho como escolher também, tipo, algo físico. Eu não tô ali com a pessoa... eu não me ponho em situação que, tipo... É... Sabe? Tipo... pra mim é muito diferente você se colocar num lugar com a pessoa que às vezes você não quer. […] com o OnlyFans, você fala "eu faço isso aqui", e é isso aí.* (L)

Pensando a respeito da gravação de filmes pornográficos por intermédio de estúdios e produtoras profissionais, os criadores de conteúdo também acreditam haver uma vantagem maior, sobretudo na questão da autonomia. Eles são os próprios produtores, e decidem o que farão:

> *As plataformas nos dão, querendo ou não, mais liberdade do que se fosse a gente estivesse, sei lá, numa agência. Não sei como é que funcionava antigamente sem ser as plataformas. Mas querendo ou não, a gente pode determinar, né? A gente pode delimitar o que faz sentido pra gente, o que é confortável pra gente fazer na nossa sexualidade, e o que a gente vai mostrar, o que a gente vai fazer ou não.* (O)

J chega a relatar experiências com produtoras pornográficas posteriores à abertura de sua conta no OnlyFans. Ele nota a diferença nas condições de trabalho, sendo obrigado a realizar coisas que não faria se tivesse a liberdade para decidir. No entanto, acredita que as plataformas já têm causado uma mudança positiva na indústria como um todo:

> *Já tive experiências com estúdios que eram opostas ao OnlyFans. Eu tava fazendo algo com alguém que eu não transaria normalmente, eu tava fazendo posições que normalmente eu não faria... normalmente eu não faria... eu tava demorando mais do que normalmente eu demoraria, e então... eu acho que essas são as principais diferenças. […] alguns estúdios já entenderam que a dinâmica do OnlyFans funciona bem, então eles tentam aplicar as suas cenas.* (J)

DIFICULDADES. Por outro lado, os criadores também pontuaram desafios que enfrentam na venda de conteúdo adulto. Aqui, três pontos se destacaram: o assédio, a estigmatização do trabalho sexual, e a instabilidade financeira. Como discutido anteriormente e já presente em outros momentos na entrevista, parece haver uma barreira para o reconhecimento da atividade enquanto trabalho.

Nesse sentido, o assédio parece andar lado a lado com tal percepção, conjuntamente com a ideia de que essas ocupações seriam de pessoas com uma sexualidade desviante e excessiva. Assim, o trabalhador sexual seria alguém depravado e, portanto, tudo seria permitido com ele. Sua ocupação não se trata de uma atividade profissional, mas mero desvio moral:

> *Eu acho que é o fato das pessoas acharem que você gravar conteúdo tá exposto a você se prostituir e você fazer coisas mais pesadas em relação ao que o pessoal acha, e achar que também tem liberdade sobre você de chegar fazendo certos tipos de comentários, certos tipos de ações que acabam sendo assédio e acabam sendo muito ruins pra mim, sabe? Afeta um pouco o nosso sentimental, o nosso psicológico.* (M)

A estigmatização se desdobra em outras consequências também. Enquanto alguns entrevistados relataram não terem experienciado nenhum tipo de consequência social, outros percebem julgamentos até mesmo de pessoas mais próximas e dificuldade em estabelecer relacionamentos amorosos por preconceito de terceiros.

> *As pessoas acham que só porque a gente é criador de conteúdo a gente não tem direito a amar alguma pessoa, a ter um relacionamento com alguma pessoa, porque vão pensar que a gente tá limitado a ser gigolôs virtuais, ou algo do tipo, e que a gente não merece um pingo de sentimento ou amor. Então tem um preconceito ali enraizado sobre os nossos corpos, né?* (M)

> *E acho que também é questão do julgamento de pessoas que eu amo, sabe? Porque, pra mim, pouco importa a opinião de gente que eu não conheço. Mas quando eu falo de pessoas que eu conheço, que eu gosto, eu fico meio mexido.* (D)

Ao analisarem a atividade da venda de conteúdo adulto em si, percebemos que mesmo os próprios criadores possuem certa dificuldade de reconhecer suas atividades enquanto trabalho sexual e até trabalho em si, ainda que ganhem dinheiro com isso. Ao mesmo tempo, o retorno financeiro é elencado como a principal vantagem do OnlyFans/Privacy, e colateralmente experienciam prazer e elevação da autoestima também. Comparado a outras formas de trabalho sexual, a segurança, liberdade e limites que eles próprios podem impor se destacam como diferenciais que os permitiram entrar na modalidade da venda de conteúdo adulto. Por fim, a estigmatização do trabalho sexual continua a ser a maior dificuldade enfrentada por eles, se desdobrando em questões de assédio, preconceito e julgamentos.

5.3. O DISCURSO PUBLICITÁRIO E A PRECARIZAÇÃO

Dos 5 entrevistados, apenas 1 abriu sua conta após a veiculação da campanha "Monetize liberdade" do Privacy, no final de 2022. Esse, no entanto, afirmou ter sido impactado e que a campanha teve influência na sua decisão de abertura de conta na plataforma. Ao comentarem a respeito da ação de publicidade, percebemos que o discurso vago e genérico de "liberdade" parece funcionar. Como apontado por Casaqui (2011), a publicidade se apoia nos desejos latentes e no sentimento de incompletude do indivíduo para promover suas narrativas. Dessa forma, as lacunas vazias deixadas pela campanha parecem ser completadas de forma individual a partir do que cada um toma para si do significado de liberdade.

O criador M interpretou a campanha no sentido da liberdade sexual, "*uma liberdade que as pessoas estão meio que abertas a mostrar os seus corpos, a mostrar a sua vida sexual, sem que as pessoas olhem de uma forma negativa para isso.*" Já L, entendeu a campanha sobretudo na questão financeira: "*Se você for realmente considerar como trabalho, você ganha, tipo, uma liberdade financeira*".

PLATAFORMIZAÇÃO E UBERIZAÇÃO. Ao serem confrontados com questões relacionadas à precarização do trabalho a partir de suas atividades, todos os entrevistados demonstraram algum nível de surpresa. Como alguns não chegam a considerar a atividade como uma forma de trabalho, houve algum nível de dificuldade em pensar ainda em questões trabalhistas. De todo modo, mesmo aqueles que se sustentam exclusivamente com a venda de conteúdo adulto e consideram-no uma forma de trabalho também alegam nunca ter parado para pensar nisso e elaborar com maior profundidade.

Ainda assim, parece haver um certo consenso em dois pontos: há questões de precarização que devem ser pensadas, ainda que seja um debate latente, embrionário ou quase inexistente na comunidade e, ao mesmo tempo, uma realização que suas atividades possuem um caráter único e de difícil comparação com outras formas de trabalho precarizado como trabalho por aplicativo.

> *Porque as duas plataformas de conteúdo são muito diferentes, são muito ao extremo, né? Quando você trabalha com Uber ou com iFood é muito pessoal, e o Privacy é algo muito, muito impessoal. [...] Quando você trabalha com Uber ou com iFood você tem que estar nas ruas, você tem que ir atrás, você tem que andar*

> *de moto, passar horas na rua, e você ganha pouco com isso muitas vezes. E o Privacy não.* (M)

Importante notar que, mesmo que não questionados diretamente a respeito, a questão da plataformização surgiu na entrevista de dois participantes. Como mencionado anteriormente, a aquisição do X (antigo Twitter) pelo bilionário Elon Musk, trouxe um certo nível de instabilidade e imprevisibilidade a respeito do futuro da rede social, uma das mais importantes para criadores de conteúdo adulto, visto que é a única grande que permite conteúdo pornográfico:

> *Desde que o Elon [Musk] assumiu [como CEO do X, antigo Twitter], o engajamento, ele muda. […] não parece que tem mais uma lógica. […] eu acho que eles devem estar no momento de reestruturar o algoritmo do Twitter, eles devem estar testando várias coisas. Então, o tempo todo tá mudando. […] Sem engajamento você não é visto e sem ser visto você não consegue novos assinantes. Eu acho que esse é o maior desafio.* (J)

Igualmente, O também nota um poder altamente concentrado nas mãos das plataformas em geral. Ainda que seja um dos entrevistados que transmitiu maior otimismo e relatou menor dificuldades em relação à criação de conteúdo, reconhece ser "*refém de plataformas*". Ainda que não tenha elaborado mais, é possível notar que mesmo havendo uma dificuldade em pensar questões trabalhistas, alguns criadores notam um desequilíbrio na relação de poder com as plataformas e como isso afeta suas atividades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender mais a fundo o fenômeno da venda de conteúdo adulto mediado por plataformas, fenômeno este que tem atraído pessoas até então anônimas e sem experiências anteriores com outras formas de trabalho sexual. Inicialmente, surgiram questões a respeito da estigmatização e preconceito, juntamente com o discurso publicitário neoliberal que emerge tanto pelas próprias plataformas, como através da cultura pop e outros agentes, e circula em diversos espaços pelos quais as plataformas podem se beneficiar. Ainda, questões como plataformização e uberização pareciam relevantes.

Ao realizarmos as entrevistas, no entanto, notamos que muitas hipóteses e ideias iniciais apresentadas foram confrontadas. Em que pese tenha sido confirmado a influência do discurso publicitário para os entrevistados iniciarem as atividades de criação de conteúdo adulto, percebemos a complexidade do fenômeno ao nos depararmos com um cenário onde questões de precarização e uberização, sobretudo se comparado a outras formas de trabalho

sexual ou trabalho por aplicativo, parecem demasiadas distintas para se comparar. Possivelmente, entendemos que tal discrepância se dê justamente pelo debate ainda embrionário do tema — visto o quão recente é, e, portanto, as formulações e discussões ainda bebam de outros fenômenos já melhor estudados.

Dessa forma, acreditamos que esta possa ser uma contribuição para estabelecer um pensamento próprio e adequado para a realidade dos próprios criadores de conteúdo adulto, em que questões de plataformização, estigmatização e uberização parecem ter pesos diferentes e distintos do que se possa imaginar. É importante ressaltar, de todo modo, que o recorte dos entrevistados pode ter influenciado nos resultados, uma vez que todos são homens, e questões de estigmatização e marginalização do trabalho sexual muitas vezes parecem estar mais associadas à figura da mulher, que historicamente teve sua própria sexualidade reprimida.

Dessa forma, esse trabalho se soma à discussão de um fenômeno contemporâneo e cuja realidade e evolução podem mudar a todo momento, sendo também um retrato do atual cenário, não descartando transformações possíveis futuramente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABILIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, [S. l.], v. 23, n. 57, p. 26–56, 2021. DOI: 10.1590/15174522-116484. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/116484. Acesso em: 17 set. 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BLUNT, Danielle et al. Deplatforming Sex: a roundtable conversation. **Porn Studies**, [S.L.], v. 8, n. 4, p. 420-438, 2 out. 2021. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/23268743.2021.2005907

BONOMI, Carolina. **"Mulher da Vida, É Preciso Falar"**: um estudo do movimento organizado de trabalhadoras sexuais. 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1639274. Acesso em: 15 nov. 2023.

CARDOSO, Daniel; CHRONAKI, Despina; SCARCELLI, Cosimo Marco. Digital Sex Work?: Creating and Selling Explicit Content in OnlyFans. In: **Identities and Intimacies on Social Media**. [S.L.], p. 169-184, 10 nov. 2022. Routledge. http://dx.doi.org/10.4324/9781003250982-14.

CASAQUI, V. Por uma teoria da publicização: transformações no processo publicitário. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 38, n. 36, p. 131-151, 2011. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2011.70935. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/70935.

CASTELLS, Manuel. internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio: Record, 2003. p. 255-287.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HAMILTON, Vaughn et al. “Nudes? Shouldn’t I charge for these?”: Motivations of New Sexual Content Creators on OnlyFans. In: **Proceedings of the 2023 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems**. 2023. p. 1-14. Disponível em: https://dl.acm.org/doi/10.1145/3544548.3580730. Acesso em: 1 ago. 2023

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAMALHO, N. A. A estigmatização do trabalho sexual: contributos de Michel Foucault na análise do poder e controlo sobre a sexualidade. **Intervenção Social**, Lisboa, n. 39, p. 165–185, 2014. Disponível em: http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/is/article/view/1191.

SANTOS, B. et al. Sex Work, Essential Work: A Historical and (Necro)Political Analysis of Sex Work in Times of COVID-19 in Brazil. **Social Sciences**, v. 10, n. 1, 2021. https://doi.org/10.3390/socsci10010002

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 nov. 2023.

TRINDADE, E.; PEREZ, C. O consumidor entre mediações e midiatização. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. e32066, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.2.32066. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/32066. Acesso em:17 set. 2023.

TRINDADE, Eneus. Na perspectiva da construção dos estudos mediáticos da publicidade. In Katia Raquel Bonilha Keller & Lara Lima Satler (org.) **Século XXI: a publicidade sem fronteiras**. 1 ed. Goiânia: PUC Goiás, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA

BLOCO 1: INFORMAÇÕES GERAIS

1. Atualmente, o que significa a venda de conteúdos adultos para você?
2. Quando e por que você decidiu entrar no OnlyFans/Privacy? Quais foram suas motivações iniciais?
3. Poderia me contar um pouco sobre sua experiência como criador de conteúdo adulto nas plataformas OnlyFans e Privacy? Como você descreveria essa atividade/trabalho?

BLOCO 2: COMPREENDENDO AS EXPERIÊNCIAS

4. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao trabalhar nessa indústria? Como estigma social, questões de privacidade, relacionamentos e outras questões.
5. Você chegou a ter contato com trabalho sexual anterior ao OnlyFans/Privacy (como programa, atuação em filmes pornográficos)?
    a. Se sim, como foi essa experiência?
        i. Você acredita que o OnlyFans/Privacy de fato oferece condições de trabalho superiores às outras modalidades de trabalho sexual?
    b. Se não, por que? Isto é, o que faz o OnlyFans/Privacy ser diferente?
        i. E após iniciar suas atividades nas plataformas? Se sim, como foi essa experiência?
6. Muitos discursos hoje circulam associando a venda de conteúdos a uma forma de alcançar liberdade financeira. Você acredita que isso possa ter influenciado sua entrada nesse ramo? Me conte sobre.
7. No final de 2022 a Privacy veiculou uma campanha com o mote "monetize liberdade". Hoje, de dentro do mercado, você concorda com tais discursos? Sua experiência se aproxima dessa ideia?
8. Se discute muito a respeito da uberização hoje em dia. Trabalhadores de aplicativo como Uber e iFood não possuem jornada de trabalho fixa, direitos trabalhistas, aposentadoria, férias, plano de saúde e outros. Da mesma forma, criadores de conteúdo adulto também não. Você acredita que há um paralelo a ser traçado aqui?

BLOCO 3: QUESTÕES PESSOAIS

9. Você considera o OnlyFans/Privacy trabalho? É atualmente seu principal trabalho?

10. Como você separa seu prazer pessoal e sexual do que você cria para o OnlyFans? Há alguma distinção? Onde começa e acaba seu trabalho?
11. Se sentir confortável em compartilhar, como a renda obtida nessa indústria afetou sua vida e suas perspectivas financeiras e profissionais?

BLOCO 4: LIVRE

12. Gostaria de acrescentar ou comentar algo que acha relevante para nossa pesquisa ou que não discutimos durante a entrevista?

APÊNDICE 2 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO: D **DATA: 13/11/2023**
IDADE: 24 ANOS **REALIZADA VIA ZOOM**

LÉO: Quando e por que você decidiu entrar no OnlyFans/Privacy, e quais foram as suas motivações iniciais?

D: Eu entrei, entrei, foi pra ir no Lolla, e ver a Miley. Aí, então foi em 2021? Foi em 2021 ou em 2022? É em 2021, né? Ou 20? Foi em 2021.

LÉO: Foi o quê?

D: Foi pra ver a Miley Cyrus no Lolla, foi antes da pandemia, né?

LÉO: A Miley Cyrus no Lolla não, foi esse ano, não foi? Ou foi ano passado?

D: Ah, então foi ano passado. Foi por aí, depois eu vou olhar direitinho quando for o show dela, mas eu acho que foi um ano depois da pandemia, entrei assim. Aí, entrei por esse motivo, tipo, fiquei muito pensativo em relação a isso, por conta dos julgamentos, etc. Mas eu precisava de dinheiro, eu tava na faculdade ainda, terminando a faculdade, então eu não conseguia trabalhar, porque eu fazia faculdade em outra cidade. E foi o principal motivo, assim, na época, pra ter. E aí depois eu continuei, porque desempregado, preciso de dinheiro, me dá um dinheiro certo, assim, pelo menos. Não certo, né, mas pelo menos tem alguma coisa.

LÉO: Legal. E atualmente, o que significa a venda de conteúdos adultos pra você?

D: Ah, hoje em dia tem sido minha forma de ganhar dinheiro sem estar trabalhando de carteira assinada em algum lugar. Então tem sido mais um sustento pra mim poder fazer as minhas coisas, sair, pegar conta, enfim, viajar, ter dinheiro pra fazer alguma coisa. Então tem sido meu sustento, né?

LÉO: Você pode me contar um pouco sobre a sua experiência como criador de conteúdo nas plataformas, ou OnlyFans e Privacy? Como que você descreve a sua atividade ou trabalho?

D: Então, acho que tem muita gente que fala que é dinheiro fácil, né? Você tá escolhendo uma coisa que dá dinheiro fácil. Eu não acho fácil, porque você tá lidando com pessoas, tá lidando com exibição, rede social, enfim. Eu sempre fui uma pessoa que gostei de tirar nude, sempre gostei do meu corpo, e acabou que eu já tinha muito vídeo, fotos minhas, e aí comecei a postar essas fotos e vídeos. Nunca cheguei a gravar um conteúdo com outras pessoas, de

fazer parceria e tudo mais. Então é uma coisa mais minha, eu. Porque eu acho que até onde eu consigo, eu estou disposto a ir por enquanto. Então é isso.

LÉO: E quais são os principais desafios que você encontra com a venda de conteúdo?

D: Acho que é lidar com gente estranha. Às vezes aparece um doido aí. E aí, porque querendo ou não, você tá tendo que conversar, interagir com pessoas que você não conhece. E aí, às vezes, tem gente que passa do limite. Então tipo, já tive que fazer B.O. contra um menino que começou a me ameaçar, foi um pouco bizarro. Aí foi a minha pior experiência, assim, no sentido de ter OnlyFans, etc. E acho que também é questão do julgamento de pessoas que eu amo, sabe? Porque, pra mim, pouco importa a opinião de gente que eu não conheço. Mas quando eu falo de pessoas que eu conheço, que eu gosto, eu fico meio mexido. Então acho que são essas questões mesmo.

LÉO: E você já chegou a ter algum contato com o trabalho sexual anterior ao OnlyFans? Seja com fazer programa ou…

D: Não, não. A única coisa que eu tinha feito era posado pelado mesmo. Tipo, foto, mas nada de prostituição, se vender, assim.

LÉO: E aí, então, o que você sente que tem de diferente no OnlyFans, digamos assim, que permite que você possa estar atuando nessa área, digamos assim, do sexo com dinheiro, que é diferente das outras atuações?

D: Não entendi a pergunta.

LÉO: O que você sente que tem de diferente na OnlyFans, que faz com que você possa trabalhar envolvendo sua imagem, seu corpo, nudez, atividades sexuais, que é diferente de outras formas?

D: Ah, sim. Eu acho que tem a ver com a questão de eu permitir eu ir até onde eu quero ir, sabe? Porque querendo ou não, é uma coisa que eu tenho feito sozinho, então eu posso me limitar ao que eu quero, postar o que eu quero exibir, até que forma eu quero que… Sabe? Que eu permita que o meu corpo seja sexualizado, etc, etc. E aí eu ganho meu dinheiro em cima disso. Acho que a diferença é que eu não faço nada forçado. Sempre que eu faço é uma coisa muito… sabe, tenho tesão, vou bater uma punheta, vou gravar um vídeo. Então, assim, é uma coisa mais… gravando uma coisa que eu já faço.

LÉO: E após iniciar suas atividades na plataforma, você chegou a ter algum contato com

alguma dessas outras formas de trabalho sexual?

D: Não. Tive muitas oportunidades, que eu fiquei tentado, mas era aquela coisa… você fica assim… não quero passar por isso não.

LÉO: E o que foi, mais ou menos, assim, que fez você pensar ou não nesse caso?

D: Ah, tinha um cara que ele queria me encontrar e tudo, ele tava me oferecendo 10 mil pra eu poder ir pra casa dele, ele falou que pagava um jantar antes, etc, etc. Mas acho que eu não sei, acho que essa é a coisa do limite que eu me coloquei, sabe? De até que ponto eu quero entrar nisso, até que ponto é só pelo dinheiro de básico, ou até que ponto eu quero que isso seja a minha coisa da vida, sabe? Então, acho que eu não me senti confortável também de encontrar uma pessoa dessa forma, mas foi tentador pelo dinheiro.

LÉO: E muitos discursos hoje em dia circulam associando a questão da venda de conteúdo com uma forma de alcançar a liberdade financeira, acho que até um pouco você falou dessa questão de como se fosse dinheiro fácil também, né? Você acredita que isso pode ter influenciado sua entrada nas plataformas?

D: Com certeza, acho que quando eu entrei, eu já… sei lá, acho que eu penso que eu já fui muito sexualizado, assim, né? Tinha muita gente que comentava coisas assim. Eu pensei, se eu pegar isso e levar pro sentido de ganhar dinheiro em cima, com pessoas que pagam por isso, sabe? E eu já tive gente que pedia, sei lá, pack, né? Tipo, no Instagram, no Twitter, sei lá. E eu falei: "ah, gente, já que tem uma galera que curte isso, por que não?" E aí foi essa questão de tirar dinheiro de uma situação que já acontecia, assim, sabe… que poderia dar uma certa renda. Mas continuando não achando "dinheiro fácil".

LÉO: Então, só pra ver se eu entendi aqui, você já tinha um… Você já publicava, tipo nudes numa conta do Twitter separada, publicamente, era isso?

D: Não, não, eu falo no meu Instagram normal mesmo, meu Instagram pessoal, Twitter pessoal também. Sempre tinha uns caras doidão assim, sabe? Que chegava e pedia uns pack, umas coisas. E aí eu fui pensar: "ah, vou criar um OnlyFans". Porque, sabe, se tem gente que pede, talvez tem gente que assine.

LÉO: Uma oportunidade.

D: É. E foi a ideia principal, assim, de adentrar.

LÉO: Beleza. No final de 2022, a Privacy vinculou uma campanha com o mote dela, que era "Monetize Liberdade". Ainda hoje, é o slogan do Privacy. Hoje, de dentro do mercado, você concorda com esse discurso? Você acha que sua experiência se aproxima disso?

D: Qual que foi a…

LÉO: O mote deles era “Monetize liberdade”.

D: Monetize Liberdade… Ah, não sei. Acho que é bonito na frase, no conceito, né? Mas é mais complicado na ação, na prática. De tipo… Claro que é… Monetizar a privacidade?

LÉO: Monetize liberdade.

D: Liberdade! É bonito de falar, sabe? Tipo assim, como se a gente estivesse numa sociedade que aceita a liberdade alheia dos outros. E olhar isso como uma forma de emprego, socialmente também não é bem visto, não é bem falado. Mas eu acho que se cada um estiver confortável e saber o que está fazendo e não ligar muito para os outros, é válido, sabe? A gente está ganhando dinheiro em cima de uma coisa que é… Sabe, a escolha é própria. Eu escolhi estar ali, sabe? Mas não sei se é um discurso tão… Acho que vende mais do que na prática é feito, sabe? A liberdade não é tão fácil assim. Porque quando você está numa plataforma de vender conteúdos adultos e tudo mais, você acaba no julgamento da sociedade também. Então, tipo… é bonito de falar, mas é difícil de vivenciar.

LÉO: E assim, entrando um pouco nisso também, você considera… você diria que estar no Privacy, estar no OnlyFans é uma forma de trabalho? Ou tanto é uma forma de trabalho sexual, é um trabalho para você?

D: Ah, acho que… Acho que sim. Mas eu fico pensando às vezes que, tipo assim, que é… Que tem muito a ver com a pessoa, sabe? Tipo, com a cabeça que a pessoa está no momento, com a questão de… De saber como lidar com esse dinheiro, do que está fazendo, do propósito que a pessoa tem. Acho que se a pessoa tem um propósito de querer vivenciar isso como trabalho dela, ela vai cada vez mais se investindo nisso. Às vezes com essa questão de fazer parcerias com outras pessoas, etc. Eu vejo que nesse cenário pode ser sim uma carreira, sabe? Mas eu não sei como que é ao longo prazo, no sentido de… Como vai ser daqui a cinco anos, dez anos, a questão de, sei lá, de tudo mesmo. Até que ponto você vai conseguir continuar tirando dinheiro dessa forma, sabe? Eu acho que é um mercado não muito… Como é que fala? Qual a palavra? Que tipo assim, é incerto, sabe? Pode ser que agora está dando muito certo, mas pode ser que daqui, sei lá, um ano, pare de ter inscrições e tudo mais. Então você acaba perdendo esse emprego. Mas acho que tem muita galera que vive disso, sabe?

LÉO: Mas eu digo assim pra você mesmo. Você considera… você diria que é o seu trabalho ou não?

D: Ah, não. Tipo, eu me considero desempregado atualmente. Eu não falo abertamente

assim “ah, tenho um OnlyFans onde eu estou ganhando meu dinheiro.” Mas então, hoje em dia, é como se eu tirasse só um dinheiro extra, assim. Não meu emprego fixo.

LÉO: Você diria que é mais uma… Então, tipo, como se fosse um bico quase.

D: É, tipo assim, como se fosse uma coisa… Onde eu tenho tirado dinheiro? Um bico, ué. Não considero que é meu trabalho, trabalho.

LÉO: Tá, beleza. Você chega a ter alguma questão, tipo assim, como você consegue separar o seu prazer pessoal e sexual, pra o que você faz do OnlyFans? Tipo, você consegue ver onde começa o que você está fazendo para criar conteúdo, o que você está fazendo por você?

D: Acho que questão de, por exemplo, o que o público gosta, sabe, de ver e assistir. Então, às vezes, eu sei que, por exemplo, gosto mais de ver minha bunda, coisa do tipo. Aí, é uma coisa que eu já pego e levo pro lado de fazer pro OnlyFans, não tipo… Estou aqui fazendo prazer, sabe? E acho que são essas questões, às vezes. Às vezes parece que eu preciso estar sempre tirando foto pelado também. Tipo assim, é como se eu tivesse a necessidade maior agora de começar a gravar toda vez que eu for bater um punheta ou alguma coisa do tipo. Então, acho que perde um pouco dessa questão de ser uma coisa mais… é… íntima sua, você com você mesmo, e passa a ser uma coisa mais… “Ah, isso aqui é conteúdo, isso aqui é uma mercadoria, é uma coisa que eu preciso vender.” Então, acaba que esses momentos que são tão você e você, se tornam mais você e o público. Mas acho que foi dessa forma mesmo.

LÉO: Mas assim, você diria que, desde o começo, que você abriu, você já foi visando a questão… O que você falou, por exemplo, para ir pro show da Miley, já foi visando a questão de ganhar dinheiro mesmo, né? Mas você acredita que chegou a envolver também alguma questão de prazer pessoal próprio, ou foi mais realmente a questão de conseguir dinheiro?

D: No começo era a questão do dinheiro. Depois eu comecei a achar interessante essa questão de pessoas querendo pagar para me ver. Começou a se tornar uma coisa que eu achei excitante também, sabe? De certa forma, cortando algumas partes, eu acho interessante. Tem gente que paga para me ver pelado, para me ver batendo punheta, para ver meu corpo. Então, também se tornou uma coisa… um certo tesão para mim.

LÉO: E aí, também entrando um pouco nesse sentido, entendendo que você começou com a questão do dinheiro, o que você sente que talvez tenha feito com que, de fato, o OnlyFans fosse a oportunidade para ganhar dinheiro? Porque você poderia ter várias formas de ganhar dinheiro, mas você escolheu o OnlyFans, o Privacy. O que fez exatamente que você

escolhesse esse caminho?

D: Acho que na época eu fiquei pensando bastante sobre… porque eu já tinha conversado com amigos. Acho que foi uma questão mais… para mim aceitar e às vezes até eu me colocar contra a parede, sabe? Porque eu acho que é uma questão de exibir, sabe? Se exibir, se colocar aí para o mundo, etc. E como eu já tinha recebido essas propostas, etc, foi uma forma que eu pensei, tipo, dinheiro mais prático e fácil, uma quantidade maior, assim, tipo, assim, fácil de ganhar, para eu poder comprar o show, etc. E aí, foi mais essa questão de pensar que poderia ser uma solução naquele momento que eu precisava. Não sei se eu estou respondendo certo, mas…

LÉO: Então, só para ver se eu entendi mais ou menos aqui, foi mais uma questão porque, assim, essa oportunidade meio que aparecer antes para você de outras pessoas mesmo, que elas vinham. E aí você encontrou uma forma de realmente conseguir dinheiro, né?

D: Sim, sim. Acho que eu… Eu tenho muito problema… tipo, eu julgava muito também antes. E aí, quando eu me coloquei nessa situação, eu falei "ah, por que não?" E eu acabei achando interessante, sabe?

LÉO: Sim. E… Ah, lembrando também que você pode não responder as perguntas, né? Se você não se sentir confortável. Mas como o dinheiro que você tem dos sites afetou a sua perspectiva financeira e profissional? Se afetou?

D: Se afetou a minha perspectiva financeira? Ah, não sei. Acho que o problema é que eu não consigo, tipo, eu olho o dinheiro que eu ganho, assim, não olho como uma renda fixa, sabe? Eu tento pagar as minhas coisas com outros rolês, fazendo freelas, fazendo meus doces, etc. Porque, para mim, é uma coisa muito incerta, sabe? Então, assim, eu tento não depender tanto do dinheiro do OnlyFans. Aí… Não sei se essa é a resposta, mas é isso que eu estou pensando.

LÉO: Realmente, é mais o seu complemento mesmo, né?

D: É.

LÉO: Bom, acho que das minhas perguntas… deixa eu ver aqui se tem alguma coisa que talvez vale retomar um pouco. Tem uma que está aqui escrita, não sei se talvez vai entrar muito, porque acho que talvez ela entraria mais para quem entende o OnlyFans como uma questão de trabalho mesmo. Mas, enfim, vou perguntar, porque acho que pode ser valida a sua opinião de qualquer jeito. Hoje em dia se discute muito a respeito de Uberização, né? Então, fala sobre trabalhadores de aplicativo, como Uber e iFood, eles não têm jornada fixa de

trabalho, não têm direitos trabalhistas, aposentadoria, férias, plano de saúde garantido. Da mesma forma, os trabalhadores de conteúdo adulto também não. Você acha que tem algum paralelo a ser traçado, ou que é uma questão diferente?

D: Eu acho que… Quando a gente fala assim, tem que… Nossa, é uma pergunta difícil. Porque, é, se a pessoa leva a questão do OnlyFans como uma questão de trabalho dela, e aí… Ela teria que ter direitos também trabalhistas. Só que como que a gente solicita, recorre a esses direitos, se é uma coisa meio que autônoma, sabe? Acredito que deveria, sim, buscar… A busca de direitos trabalhistas para quem tem como trabalho. Que seria uma coisa que poderia ajudar, porque a galera que realmente está dedicando a isso como meta de vida, assim, sabe? Porque, querendo ou não, também tem a questão de aposentadoria, etc. Então… Eu imagino que isso, o futuro, pode atrapalhar esse processo. Mas não sei como funcionaria, tipo, se eu realmente não tivesse ideia de como seria esse processo para transformar isso em uma questão de direitos do trabalhista, sabe?

LÉO: Ok. Bom, uma das minhas perguntas era isso, e aí eu queria saber se também tem uma outra coisa que você quer acrescentar, comentar, ou que você acha que pode ser relevante, que não foi discutido, e aí você pode compartilhar uma experiência qualquer.

D: Não sei, acho que… Às vezes, eu ouço comentários de gente falando que tem o OnlyFnas, o Privacy, é uma certa forma de… É uma prostituição online, sabe? E eu não consigo ver nessa categoria de prostituir, sabe? Porque eu acho que pra mim são coisas muito distintas do que acontece lá. É um ambiente onde você tá se… Você… É meio que… É o que você quer fazer, sabe? Tipo, assim, você tá indo até onde você se permitir. E a prostituição, ela é muito mais pro âmbito de… "Eu não tenho mais nenhuma opção", e é um caminho muito mais perigoso, muito mais… Pra pessoa, né, que se coloca nesse lugar. Então eu não consigo enxergar o OnlyFans, o Privacy, como uma forma de prostituição, sabe? Acho que a gente tem… A sociedade tem muitos tabus em relação à sexualidade, em relação ao sexo. A gente não conversa, não se fala. E tem muito tabu também em… Em tesão, sabe? Tipo, assim, coisas que as pessoas sentem tesão e tudo. E esses são lugares onde as pessoas podem ter fetiches, realizar seus fetiches. Às vezes tem… Eu vejo muita gente que tem muita vergonha, às vezes, de falar o que gosta, assim. E acho que é legal essa… Ter esse diálogo. Acho que é necessário. Acho que a sociedade ainda é muito presa numa caixinha de… De opiniões conservadoras. Mas… Acho que o OnlyFans e o Privacy são plataformas que ajudam muitas pessoas, por diversos motivos. E que não deveria ter tanto tabu, tanto preconceito em cima delas, pra quem tá dentro dessas plataformas, sabe?

LÉO: Interessante. Puxando um gancho aqui de umas coisas que veio um pouco na minha cabeça também. Você diria… Você consideraria, nesse caso, você entenderia o OnlyFans como um trabalho sexual? Ou você acha que é uma categoria diferente?

D: Eu acho que é uma categoria diferente. Porque não… Assim, claro que tem pessoas que chegam a gravar conteúdos sexuais com outras pessoas na plataforma, mas eu consigo ver como algo mais abrangente do que isso, sabe? A pessoa não precisa necessariamente estar transando pra poder ter o OnlyFans. Tem gente que tem o OnlyFans aí, sei lá, pra postar foto, pé, ou coisas do tipo. Então é mais uma coisa… É uma coisa sexual, mas eu não acho que seja exclusivamente relacionada a isso, sabe? Tipo assim, acho que é um ambiente pras pessoas realizarem seus fetiches, suas… Suas questões, mas não como… Sexo, sabe? Tipo assim, como o sexo em si, somente o sexo. Não sei.

LÉO: Faz sentido, sim. Em geral, também a sua experiência com o OnlyFans, o Privacy em geral tem sido positiva, né? Digamos assim, que se fosse pensar antes e depois, diria que… Que trouxe mais coisas boas do que pra você.

D: Ah, sim. Tipo assim, acho que… Desde quando eu comecei, tem me ajudado de várias formas. Consegui fazer viagens, consegui ir no meu show que eu queria. Tem me ajudado financeiramente em casa também, em relação a pagar conta e tudo. Então, assim, lidar com a gente… Acho que a pior coisa é lidar com gente inconveniente, gente que é… Maldosa nas falas, que tem a cabeça fechada, pensamentos meio conservadores. Mas isso a sociedade já tem no dia a dia, sabe? Então não é uma coisa que me chocou ou me surpreendeu. Então sim, tem sido… Tem valido a pena, sabe?

LÉO: Da minha parte é isso. Você tem mais algum comentário? Mais alguma outra coisa?

D: Ah, eu acho que não. Eu acho que… Tá tudo certo. Desculpa, às vezes, ser meio confuso.

APÊNDICE 3 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO: M **DATA: 14/11/2023**
IDADE: 23 ANOS **REALIZADA VIA ZOOM**

LÉO: Atualmente, o que significa a venda de conteúdo adulto pra você?

M: Bom, eu lidei [indaudível]… Foi muito rápido, praticamente, né? Porque eu recebia muita DM, muita coisa, do pessoal falando "ah, você deveria se inscrever no Privacy, fazer um OnlyFans, porque eu queria muito pagar pelo seu conteúdo" e tudo mais. Então foi mais que realizando um desejo de algumas pessoas que já queriam ver um conteúdo mais explícito, +18 da minha parte. Eu falei: "por que não, né? Já mostro de graça, por que não monetizar em cima disso?" Então, basicamente, isso que eu quis entrar pra esse mundo.

LÉO: Mas, assim, o que é pra você, atualmente? O que significa a venda de conteúdo pra você, assim? É mais uma atividade de prazer, de trabalho, ou uma outra coisa?

M: É mais entre os ambos, é algo como um prazer pra mim, mas também como se fosse entrar um dinheiro extra nas minhas coisas, assim, de vida financeira e tudo mais, então entra um dinheiro que ajuda ali a pagar algumas coisinhas. Então é ambos, é prazer e dinheiro… entre os dois.

LÉO: E aí você já respondeu um pouquinho dessa também, mas, enfim, quando e por que você decidiu entrar no OnlyFans e quais foram suas motivações iniciais?

M: Sim, a minha motivação inicial foi justamente monetizar em cima do que as pessoas queriam ver desde então, né? Então, eu falei: "vamos fazer acontecer, né?" E vai indo e eu comecei a gostar do que eu tava recebendo, eu falei: "então eu vou continuar seguindo essa parte que o pessoal tá querendo que eu me exponha mais, que me mostre mais, e eu tô ganhando com isso", então foi mais uma motivação ali financeira e pra também realizar o desejo de algumas pessoas.

LÉO: E quando foi que você começou?

M: Eu comecei em setembro, final de setembro desse ano [2023].

LÉO: Beleza. E você pode falar mais um pouquinho como que a sua experiência enquanto criador de conteúdo adulto, como você descreve essa sua atividade?

M: Bom, a minha experiência por enquanto é mais amadora, então eu tô fazendo

conteúdos mais solos. Vou começar agora a fazer um conteúdo mais aberto em relação a… sexual, né? Sexo e tudo mais, gravações mais explícitas. Mas, basicamente, é um conteúdo que eu acho que favorece um pouco a minha autoestima, por eu mostrar um lado mais sexy meu, e eu acabo vendo esses vídeos pra ver se tá tudo certinho, e então eu fico, "Meu Deus, eu sou muito sexy. As pessoas tão pagando por isso!" Aumenta a minha autoestima também. Esse é o ponto, aumenta a minha autoestima também.

LÉO: Beleza. E quais são os principais desafios que você enfrenta trabalhando ou atuando nessas atividades?

M: Eu acho que é o fato das pessoas acharem que você gravar conteúdo tá exposto a você se prostituir e você fazer coisas mais pesadas em relação ao que o pessoal acha, e achar que também tem liberdade sobre você de chegar fazendo certos tipos de comentários, certos tipos de ações que acabam sendo assédio e acabam sendo muito ruins pra mim, sabe? Afeta um pouco o nosso sentimental, o nosso psicológico.

LÉO: Isso chega também a entrar em questão de privacidade ou relacionamento, ou seja, com outras pessoas, com a família?

M: Também, as pessoas acham que só porque a gente é criador de conteúdo a gente não tem direito a amar alguma pessoa, a ter um relacionamento com alguma pessoa, porque vão pensar que a gente tá limitado a ser gigolôs virtuais, ou algo do tipo, e que a gente não merece um pingo de sentimento ou amor. Então tem um preconceito ali enraizado sobre os nossos corpos, né? As pessoas que criam conteúdo em geral.

LÉO: Beleza. Ah, só pra… também esqueci de falar isso também, mas todas as perguntas que eu vou fazer você não precisa necessariamente se sentir obrigado a responder, tá? Então se tiver alguma coisa que eu perguntar que você não se sente confortável, ou não quiser falar, você pode não falar, tá?

M: Sim, sim, sim!

LÉO: Você chegou a ter algum contato com o trabalho sexual anterior ao OnlyFans, como, por exemplo, fazer programa ou atuar em filmes sexuais?

M: Nunca, nunca, nunca, nunca.

LÉO: Beleza. E aí, o que fez o OnlyFans ser diferente dessas outras atividades sexuais pra você?

M: Eu acho que é mais pelo lado impessoal de você fazer as coisas, um prazer impessoal, onde você não precisa sair com a pessoa, tocar na pessoa e tudo mais. É como se fosse uma barreira entre a prostituição presencial e a venda de conteúdos, né? É como se você estivesse expondo o seu corpo sem que a pessoa toque em você, ou que ela precise fazer coisas que você não queira, que invadem o seu lado pessoal, o seu limite pessoal.

LÉO: E após iniciar suas atividades na plataforma também, não chegou a ter contato com as outras atividades?
M: Sim, é. Sim, sim, sim.

LÉO: Você chegou a comentar que agora você ia começar a explorar mais conteúdos sexuais… com outras pessoas, nos vídeos, por exemplo?
M: Sim, sim, sim. Mais sobre eu ter uma relação sexual com alguma pessoa e gravar aquilo, não sendo algo como… tipo assim, se fosse fazer algum filme pornográfico, tudo mais. É como se fosse uma coisa mais amadora mesmo. Estou fazendo algo com uma pessoa que eu gosto, pelo meu prazer, e vou mostrar isso às pessoas que querem ver esse tipo de conteúdo, querem ver o meu prazer sendo exposto em uma câmera.

LÉO: E como você sente que isso é diferente de, por exemplo, se você atuasse de fato em um filme pornográfico com uma produtora ou um estúdio, por exemplo?
M: Eu não acho muita diferença, não. Acho que nesse momento, se eu fosse convidado para fazer algo como se fosse um filme pornográfico, eu até toparia se eu queria fazer um feat com alguém. Então, eu não vejo muita diferença nesse, não.

LÉO: Beleza. Bom, hoje também tem muitos discursos que circulam associando a venda de conteúdo com uma forma de alcançar liberdade financeira ou até mesmo colocando como se fosse uma forma de ganhar dinheiro fácil. Você acredita que isso pode ter influenciado a sua entrada nesse ramo?
M Sim, acho que a parte da monetização foi algo que veio, assim, eu até fiquei chocado com o tanto de dinheiro que eu ganhei em poucos meses. Então, realmente é algo que ajuda a liberdade financeira, mas eu não sei se ao longo prazo isso vai meio que estendendo. Então, é algo que entra naquele momento para te dar uma ajuda, para te dar um suporte ali.

LÉO: Bom, eu sei que também já falou um pouco disso nessa resposta, mas vou fazer [essa

pergunta] também aqui. No fim de 2022, não sei se você se lembra, a Privacy vinculou uma campanha aqui em São Paulo com vários anúncios nas estações de metrô, que eram "monetize liberdade". Hoje, dentro do mercado, você concorda com esses discursos? Sua experiência se aproxima dessa ideia?

M: Hum… Eu acho que, de uma certa forma, sim. Eu acho que é uma liberdade que as pessoas estão meio que abertas a mostrar os seus corpos, a mostrar a sua vida sexual, sem que as pessoas olhem de uma forma negativa para isso. Porque, hoje em dia, o corpo é algo que as pessoas estão tendo um certo amor, estão tendo uma liberdade para se amar e amar as coisas que elas fazem. Então, eu acho que sobre o sexo, sobre fotos peladas e tudo mais, nudez no geral, eu acho que as pessoas deveriam normalizar porque a gente veio, nasceu pelado, então… Por que não, né? É uma liberdade.

LÉO: E você chegou a ser impactado por essa campanha, né? Você falou que chegou a ver… Isso foi anterior ainda a você ter aberto…

M: Acho que isso foi anterior, exatamente.

LÉO: Atuou de alguma forma no seu conhecimento para participar daí?

M: Sim. O receio maior era justamente os preconceitos que estavam enraizados, se eram as pessoas que abriam contas ou faziam as contas, enfim. E, basicamente, foi um empurrão a pensar sobre isso e as pessoas meio que vieram ali: "ah, você deveria abrir, eu apoio você fazer isso". Então, entre os dois lados extremos, eu decidi abrir porque era algo que eu ia ver que ia me ajudar em alguma coisa. E realmente está me ajudando.

LÉO: E você considera que o OnlyFans/Privacy é uma forma de trabalho?

M: Hmm… Depende.Eu acho que acaba sendo algo mais recreativo. Mais recreativo, na minha opinião. Algo que você expõe como se fosse criador de conteúdo, no geral. Eu não sei se vai chegar a um patamar de ser, por exemplo, um youtuber da vida, que já está sendo algo como se fosse um trabalho, visto pelas pessoas hoje em dia. Mas é algo a se pensar pela frente. Por que não, né?

LÉO: Isso vai você diz sobre você, né?

M: Isso, isso, isso.

LÉO: Beleza. Bom, acredito que, como você não considera, não entra tão especificamente no seu caso, mas vou perguntar aqui só para trazer uma reflexão também. Hoje em dia também se discute muito a respeito da uberização. Então, o trabalhador de aplicativo como

Uber ou iFood não possuem jornada de trabalho fixa, não tem direitos trabalhistas, aposentadoria, férias, plano de saúde e outras coisas. Você acha que, da mesma forma, tem algum paralelo, alguma comparação que faça sentido para os criadores de conteúdo adulto? Ou você acha que é uma coisa diferente?

M: É algo a se pensar. Porque as duas plataformas de conteúdo são muito diferentes, são muito ao extremo, né? Quando você trabalha com Uber ou com iFood é muito pessoal, e o Privacy é algo muito, muito impessoal. Mas eu acho que os dois lados deveriam ter meio que algo justo, né? Jornada de trabalho e tudo mais bonitinho, tudo organizadinho.

LÉO: Quando você diz pessoal e impessoal, o que você quer dizer?

M: Quando você trabalha com Uber ou com iFood você tem que estar nas ruas, você tem que ir atrás, você tem que andar de moto, passar horas na rua, e você ganha pouco com isso muitas vezes. E o Privacy não. O Privacy meio que você faz aquilo por prazer, você posta as coisas no conteúdo, mas também às vezes você precisa trabalhar, você precisa trabalhar com o marketing da sua conta, da publicidade, você tem que pedir aí para as pessoas ajudarem a subir sua conta. Então, os dois lados trabalham de uma forma muito intensa para poder ganhar o dinheiro no final do dia.

LÉO: Entendi, certo. E aí, como que você separa o seu prazer pessoal e o sexual do que você quer para OnlyFans? Ou não tem uma distinção?

M: Eu acho que hoje em dia não tem uma distinção. Acho que o que muda é justamente pelo nome da conta e o nome da minha vida pessoal. O nome da minha conta é (X) e a minha vida pessoal é (Y). Então, acaba que os dois se misturam. Num prazer só, mas são nomes como se fosse uma persona, uma persona sexual, digamos assim.

LÉO: E você entende o OnlyFans ou a venda de conteúdo adultos, no geral, como uma forma de trabalho sexual ou você acha que é uma outra categoria?

M: Eu acho que é uma outra categoria. Na minha opinião, é uma outra categoria. Por justamente ser algo que você não está ali fazendo algo contra você mesmo ou algo contra os seus princípios ou algo do tipo. Você está fazendo aquilo por prazer, para você mostrar para as pessoas aquilo que as pessoas querem ver e você não vai contra isso, por exemplo, chegar a submeter a uma coisa mais pesada, pessoalmente, com pessoas que você não queria ter ali. Enfim, é algo totalmente diferente. Para mim, na minha opinião.

LÉO: E se você se sentir confortável com o que eu partilhar, como que a renda obtida nessa atuação sua afetou a sua vida e suas perspectivas tanto financeiras quanto profissionais, se é que é afetaram?

M: Eu consegui pagar pelo menos uns três meses de faculdade aí. Então, me ajudou bastante. Eu ganhei um valor bem considerável em menos de dois meses, praticamente. Então, ajudou muito a ter uma renda ali a mais do que eu ganho normalmente quando eu trabalho. Me ajudou a pagar algumas coisas que precisava pagar. Então, é um dinheiro bom.

LÉO: Beleza. Aqui das minhas perguntas mais sobre o conteúdo mesmo, do assunto, acho que é mais ou menos isso. Eu acho que… Mas eu queria saber se tem alguma coisa ainda que você acha que vale a pena você comentar, que você quer acrescentar, que talvez não tivesse que ter entrado aqui ou qualquer coisa que você tenha pensado no comentário.

M: Bom, acho que um comentário que eu deixo é mais as pessoas não terem preconceito de se relacionar com pessoas que fazem vendas de conteúdo online ou algo do tipo, porque eu vejo muito isso. Em todos os lugares, as pessoas remetem às pessoas que fazem vendas de conteúdo com ISTs, por exemplo, e é algo que eu acho muito pesado. E, sei lá, as pessoas parecem que não têm uma confiança também de se relacionar, achando que somos pessoas que somos vulgares ou promíscuas ou que não somos confiáveis de relação. E a gente merece amar e a gente está aberto a amar também. E isso não impede de a gente ter essa confiança. E a gente tem que ter um sentimento sobre as pessoas e querer ter um relacionamento diferente.

LÉO: Agora eu vou só perguntar sobre alguns dados um pouco mais… enfim, de demográficos mesmo, né? Você tem quantos anos? Eu tenho 23.

M: Eu tenho 23.

LÉO: Você se considera que vem de uma família, sua situação financeira, ela é mais de classe média, classe baixa, classe alta?

M: Atualmente é classe média, média-alta. Está nesse nível ali.

LÉO: Beleza. Acho que é da minha parte isso. Não sei se tem mais alguma coisa que comentar, senão…

M: Não, pra mim ok. Acho que deu pra responder.

APÊNDICE 4 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO: O **DATA: 15/11/2023**
IDADE: 23 ANOS **REALIZADA VIA ZOOM**

LÉO: Atualmente, o que significa a venda de conteúdo adulto pra você?
O: É a minha renda principal, é de onde eu tiro meu dinheiro.

LÉO: Beleza. Quando e por que você decidiu entrar no OnlyFans? Quais foram as suas motivações iniciais?
O: Quando? Eu posso ver aqui exatamente o mês, deixa eu ver… O mês que eu entrei foi em maio de 2022, mas eu tava vendendo há alguns meses, acho que desde março de 2022 eu tava vendendo conteúdo adulto. E eu decidi começar a vender conteúdo adulto porque eu fazia live na Twitch, eu já tinha uma base de seguidores na internet, né? E daí eu comecei a ver que tinha demanda e que algumas pessoas se interessavam nesse tipo de conteúdo. E eu tava querendo porque era um dinheiro fácil, e daí eu comecei a vender.
LÉO: Então, sua motivação principal foi realmente a questão do dinheiro, foi por isso que você decidiu entrar, pra ganhar um dinheiro mais fácil, é isso?
O: Isso.

LÉO: Beleza. E você pode me contar mais ou menos como que a sua experiência como criador de conteúdo adulto nas plataformas do OnlyFans Privacy, como que você descreve mais ou menos a sua atividade e o trabalho?
O: Como assim?
LÉO: Como que é, digamos, realmente como você se relaciona com isso, de fato, o que você faz, como você descreveria o seu trabalho?
O: Como eu descreveria o meu trabalho? Bom, eu faço… eu gravo conteúdo solo, né, que fala. Eu não sei exatamente o quanto eu posso desenvolver sobre isso, porque eu só gravo, posto na plataforma e acabou. É só isso que eu faço.

LÉO: Beleza. E quais são os principais desafios que você enfrenta trabalhando nesse ramo?
O: Porra, desafio? Qual desafio eu enfrento? Cara, o OnlyFans não me apresenta conflito nenhum. Criação de conteúdo adulto não me apresentou conflito nenhum, na verdade, ela só me resolveu conflitos durante todo o tempo. O OnlyFans funciona como a minha ferramenta

para resolver o resto dos conflitos que vêm de outros lugares, seja, sei lá, da internet, quando eu quero fazer algum tipo de projeto, alguma produção de conteúdo que precisa de dinheiro, quem resolve é a renda do OnlyFans, ou até coisa de dentro de casa, que se precisa pagar alguma coisa, eu tenho dinheiro pra pagar e é isso.

LÉO: Aham. Mas pode explicar mais como eles ajudam a resolver esses problemas? Tipo, de ser esses problemas, como que eles ajudam?

O: Tipo, o dinheiro resolve qualquer coisa. Dinheiro, tipo, a maioria dos problemas que vão aparecer na vida são problemas que envolvem dinheiro. E se o OnlyFans tá me dando uma quantidade boa de dinheiro, ele vai resolvendo os problemas de um jeito ou de outro.

LÉO: Beleza. É, mas questão, por exemplo, de estigma social, questão de privacidade, relacionamento, você não chegou a lidar muito com esses desafios?

O: Não cheguei… deixa eu pensar. Pior que, assim, a minha mãe, ela ficou bem chocada quando eu falei pela primeira vez que eu tava vendendo conteúdo adulto. Mas a minha mãe, ela nunca foi uma pessoa de… Ela sempre me apoiou em tudo, então eu era meio que, enfim, privilegiado nesse sentido, né? Dentro de casa, é… da minha irmã não tive problema, amigos também nenhum deles me tratou diferente de forma nenhuma. Cara, eu não sei, eu não enfrentei estigma não, eu acho que porque como eu já trabalhava com a internet e eu não tinha que conviver, sei lá, num espaço de trabalho formal, e eu também não entro em contato muito com pessoas que possam ter qualquer tipo de ótica moralista sobre a vida, né? Eu acabei não entrando em contato com esse tipo de estigma. Os únicos momentos em que eu sinto algum certo julgamento é quando eu tô em aplicativo de relacionamento, me perguntam o que que eu trabalho e eu digo que eu trabalho com isso. E daí a pessoa apresenta alguma piadinha, alguma fala, uma coisa que falam muito é tipo: “ah, nossa, mas eu não vou querer participar, hein” sendo que eu não peço pra pessoa participar e ela já disse que não quer participar. Mas, tipo, no mais é isso só.

LÉO: Certo. E aí você chegou a falar que você já trabalhava com internet antes, né? Mas aí como que foi também essa experiência pra entrar nisso? Como que você chegou a ter algum trabalho formal antes, CLT, ou não sempre foi com a internet mesmo?

O: Não, não tive. Isso foi… é que na verdade eu terminei a escola, né, e na escola eu nunca tinha conseguido nenhum emprego. Até tentei na época da escola fazer jovem aprendiz, esse tipo de coisa e não conseguia entrar nesse mercado. Nossa, eu me lembro que… Ah, é que é engraçado. Uma coisa que eu fico pensando às vezes, porque muita gente fala: “ah,

nossa, mas não é humilhante? Mas não é muita exposição?" Cara, a vez que eu me senti mais exposto na minha vida foi as vezes que eu fui fazer entrevista de emprego. Essas foram as vezes da minha vida que eu me senti mais exposto na minha vida inteira. Em nenhum outro momento, sei lá… eu esperava que existisse algum tipo de consequência pela exposição que eu ia ter, né? E não é que eu também, em algum momento, eu tenha ficado estressado com isso, mas não… a parte da exposição do OnlyFans não me pegou mesmo. Mas é, eu não tinha… eu não tive experiência com trabalho formal, eu terminei a escola e daí começou a pandemia. E daí eu não estava conseguindo fazer o meu curso que eu tinha passado na faculdade, né? Estava tudo trancado, não tinha aula nenhuma acontecendo. E daí eu postei vídeo na internet, começou a dar certo e daí eu comecei a trabalhar só com isso. Eu digo que eu trabalhava, mas era porque eu fazia live e eu recebia alguma quantidade ínfima de dinheiro com a Twitch, né? Com a plataforma da Twitch. E daí era aí que eu digo que eu trabalhava. Mas, enfim, eu produzia conteúdo para a internet já antes. Isso definitivamente.

LÉO: Beleza. Mas você não chegou a ter contato com trabalho sexual anterior ao OnlyFans, né? Ou seja, de…

O: Não, nunca. Nunca tinha entrado em contato.

LÉO: Beleza. E aí, então, o que você considera que teve de diferente no OnlyFans para você começar a trabalhar com essas atividades, então? O que você considera que tem de diferente no OnlyFans ou no Privacy que é de diferente dessas outras formas de trabalho sexual? Que fazem, por exemplo, você não chegou a ter contato com outras formas, mas o OnlyFans você entrou. O que tem de diferente?

O: Bah, eu não tenho como dizer o que tem de diferente porque eu não entrei em contato com as outras direito, né? Então eu não sei o que eu posso dizer.

LÉO: Não, mas digo que não realmente na atuação, mas para você entrar, sabe? O que fez você dizer não para as outras, por exemplo, programa, para a atuação de filme pornográfico, mas você achou razoável entrar no OnlyFans ou no Privacy?

O: Ah, porque o OnlyFans, porque criação de conteúdo para a internet é muito menos vulnerável do que fazer trabalho sexual realmente e sair e me encontrar com outras pessoas. É por isso mesmo e também porque, enfim, é uma coisa completamente diferente. A pessoalidade não tem como, não consigo nem comparar. Mas é, porque eu me sentiria menos vulnerável e me deixa bem menos desconfortável do que realmente sair e me encontrar com outra pessoa e fazer esse tipo de serviço.

LÉO: E, só para entender melhor também, você não chegou a considerar o OnlyFans como trabalho sexual? Você acha que é uma outra categoria?

O: Não, ele é trabalho sexual, mas eu não… Comparado com todas as outras categorias de trabalho sexual, ele é uma coisa completamente à parte. Eu acho, pelo menos.

LÉO: Não, só para entender mesmo. Tá, e depois também de começar seu trabalho com o OnlyFans, com o Privacy, você também não teve contato com outras formas de atividade sexual?

O: Não, não.

LÉO: E hoje em dia a gente também tem muitos discursos que associam a venda de conteúdo com uma forma de alcançar liberdade financeira, de ganhar dinheiro fácil, como você mesmo falou, que foi, de certa forma, uma motivação também para você entrar. Bom, você já meio que respondeu isso, mas eu vim vou perguntar também. Você acredita que isso influenciou sua entrada nesse ramo e como que foi influenciou?

O: É, influenciou completamente. Eu não teria começado se não fosse isso. Então, a questão da liberdade financeira, é, influenciou completamente. Estritamente, o motivo que eu passo é estritamente só por causa disso. Eu gosto, eu me divirto, mas, né, dado o momento que isso parar de dar dinheiro, eu também iria parar de fazer.

LÉO: Certo. E no final de 2022, a Privacy veiculou uma campanha que o mote dela era a "monetize liberdade". Ela rolou aqui em São Paulo teve vários cartazes nas estações de metro. E hoje, de dentro do mercado, você concorda com esse discurso? Você acha que sua experiência se aproxima dessa ideia?

O: Monetize liberdade? Era isso que eles falaram? Não, não acho, não. Não é… Bah, nossa. Primeiro, como é que definir liberdade, né? Que tipo de liberdade eles estão monetizando? E… A partir do momento que tu tá monetizando a liberdade, já não faz muito sentido. Eu acho que isso não faz sentido nenhum. Não, eu acho que num sentido, assim, de conceito mesmo, essa frase não faz sentido pra mim. E eu não acho que o OnlyFans Privacy esteja monetizando a liberdade.

LÉO: Mas você acha que, por exemplo, outros discursos, como daquela música da Bibi Babydoll. Não sei se você conhece ela.

O: Conheço ela, mas não sei qual música.

LÉO: Ela canta uma música chamada, literalmente, “OnlyFans”. E aí ela fala: “Eu não nasci pra trabalhar como CLT, abri meu OnlyFans e a foto que eu vou vender.” Então tem um pouco esse discurso também do dinheiro fácil, de que é melhor que eu trabalhe CLT. E também, esses discursos, você concorda? Você acha que hoje em dia, tendo dentro, você percebe que, de fato, se aproxima da sua realidade ou não?

O: Bah, eu não sei se eu sou a melhor pessoa pra perguntar isso, não. Porque, tipo, eu não discordo exatamente de que, tipo, o Privacy, o OnlyFans, nos oferece uma liberdade de não acabar caindo sempre no trabalho formal. E também que não tem como negar que o OnlyFans é um trabalho que demanda menos tempo da gente. Comparado com outros tipos de trabalho, trabalhos formais. E a gente acaba tendo mais liberdade justamente porque a gente ganha mais do nosso tempo. A gente fica com mais do nosso tempo pra nós mesmos, né. Cara, mas eu não sei. Eu acho que só da gente estar inserido num lugar onde a gente precisa ganhar dinheiro pra estar vivo, as coisas já não partem de um conceito de liberdade. Já não cabe dentro de liberdade nenhuma, eu acho.

LÉO: Beleza. E hoje em dia também você considera o OnlyFans ou Privacy como trabalho, né, e atualmente é a sua principal fonte de trabalho, é a sua única fonte de trabalho?

O: Sim, é a minha única fonte de dinheiro. No caso, eu trabalho com outras coisas pra internet, mas é tudo meio que pensado pra monetizar com o OnlyFans mesmo.

LÉO: Então você considera trabalho, de fato?

O: Sim, considero.

LÉO: Tá. E também se discute muito a respeito de Uberização, hoje em dia, né, então trabalhadores de aplicativo como Uber e iFood, por exemplo, eles não possuem jornada de trabalho fixa, não têm direitos trabalhistas, aposentadoria garantida, férias, plano de saúde e outras coisas. Da mesma forma, os criadores de conteúdo adulto também não. Mas você acha que existe algum paralelo a ser traçado aqui ou você acha que são coisas distintas?

O: Eu acho que o único lugar que dá pra traçar um paralelo é que a gente é refém de plataforma. O produtor de conteúdo adulto e as pessoas que trabalham com aplicativo, todas elas são referentes de refém e só podem escolher trabalhar dentro de… Eu ouvi esse termo e aí eu acabo usando, mas ele provavelmente tá errado, né? Mas acaba escolhendo seu feudo digital ali e começa a trabalhar nele e acabou. Eu acho que é só esse o paralelo que dá pra traçar.

LÉO: Desculpa, o que digital?

O: O seu feudo digital e trabalha ali dentro. Mas eu acho que só isso mesmo, porque não sei qual é a realidade de pessoas que trabalham com Uber, trabalham com entrega, né, não sei. Mas é só esse o paralelo que eu consigo traçar.

LÉO: Beleza. E você chega a ter algum conflito sobre questão de separação do prazer pessoal, sexual, com o que você cria pro OnlyFans, chega a ter alguma distinção? Você consegue perceber onde começa ou acaba o seu trabalho?

O: Puts, é muito difícil. Onde começa o meu trabalho e onde fica o meu prazer?

LÉO: É, se você consegue perceber uma distinção onde começa ou acaba o seu trabalho, onde fica o prazer pessoal, onde fica o trabalho do OnlyFans, ou se essas coisas se misturam?

O: Não, se misturam completamente. Misturam completamente a estrada. E também não sei definir onde começa e onde termina. O trabalho e o prazer, não sei.

LÉO: Tá. Se você se sentir confortável compartilhar, você não precisa responder, tá? Qualquer pergunta aqui não vai te deixar confortável. Mas como é que a renda obtida nessas atividades afetou a sua vida e suas perspectivas, tanto financeiras quanto profissionais, se afetaram?

O: Puts. Olha, num primeiro momento, o OnlyFans entrou na minha vida e ele começou a me dar um volume de dinheiro absurdo no momento em que eu tava com muito pouco dinheiro, em que eu tava realmente em situação de vulnerabilidade mesmo e que eu dependia de uma renda que via de uma relação tenebrosa. Cara, a relação que ele me deu com o dinheiro foi de um cinismo muito grande. Porque eu cursava filosofia, queria seguir a carreira de filosofia e daí eu vi o tanto de esforço que eu tinha que fazer pra poder seguir a carreira acadêmica, né? E o tanto de retorno financeiro que eu ia ter. E todos os perrengues que eu ia ter que passar. E daí, a partir do momento que eu comecei a ver que eu poderia me esforçar muito pouco e receber muito dinheiro, eu comecei a enxergar as coisas de uma maneira muito mais cínica, sobre o que o dinheiro representa. Óbvio que eu já tinha essa noção de que dinheiro não é mérito, dinheiro não é um por um de mérito, né? Mas aquilo me escancarou muito mais, assim. Que dinheiro e mérito são coisas que são completamente distintas. E foi esse, foi esse o principal motivo. E o que me afeta hoje em dia, que eu deveria até desafiar um pouco essa noção que eu acabei criando, é que eu não gosto de me esforçar por dinheiro. Eu sou muito… Se eu faço alguma coisa e aquilo não dê um retorno financeiro, que eu estava esperando, mesmo que faça todo sentido que não dê retorno financeiro e que eu… que esteja dado que eu teria que me oferecer mais praquilo, pra ter algum tipo de retorno, eu não consigo

fazer porque eu não consigo sentir justificativa. Eu falo: “bah, eu poderia estar ganhando muito mais, trabalhando muito menos e sofrendo muito menos também.” Eu acho que foi essa maneira que me afetou.

LÉO: Aí você chegou a tocar num ponto importante agora, eu acho. Você falou da… Não sei se… que você não consegue entender muito bem, né? Uma motivação pra fazer coisas que não te dê dinheiro. Nesse sentido, você acaba sentindo que, então, por exemplo, como você já não vê uma distinção muito grande entre o seu prazer pessoal e a questão do trabalho, talvez você se force mais, por exemplo, a… Enfim, a coisas sexuais, mais do que você faria normalmente.

O: Eu não entendi, cortou o teu áudio.

LÉO: Como você falou que você… Não vê muita motivação em fazer coisas que não te dê dinheiro, agora que você tem uma forma de, enfim, monetizar as suas atividades. Se isso também entra numa questão de, por exemplo, você se ver acabando, talvez forçando um pouco mais a sua sexualidade também.

O: Forçando a minha sexualidade?

LÉO: É, de você talvez ter que fazer mais do que você faria normalmente, né? Pra conseguir monetizar acima disso.

O: Não, não, não. Eu tentei, inclusive, fazer isso, eu me forcei a tentar fazer coisas a mais e eu não consegui. Não… Essa foi uma parte que… E isso que é uma coisa legal, né? Porque agora, enfim, como a gente tem as plataformas, as plataformas nos dão, querendo ou não, mais liberdade do que se fosse a gente estivesse, sei lá, numa agência. Não sei como é que funcionava antigamente sem ser as plataformas. Mas querendo ou não, a gente pode determinar, né? A gente pode delimitar o que faz sentido pra gente, o que é confortável pra gente fazer na nossa sexualidade, e o que a gente vai mostrar, o que a gente vai fazer ou não. Não forço, não. Não forço.

LÉO: Beleza. Bom, aqui no meu roteiro de perguntas definidas, meio que era isso que eu queria saber, mas eu queria saber se você tem alguma coisa que você quer comentar ou acrescentar, que você acha que pode ser importante que não passou por algumas perguntas, não passou por alguma resposta.

O: Bah, eu acho que não, não sei. Eu já falei quase tudo, deixa eu ver. A gente falou da questão da liberdade, de forçar. Olha, eu sinto que tem sim, na real, uma coisa que eu já pensei sobre, mas agora não tô lembrando, e provavelmente não vou lembrar, vai demorar

muito tempo pra eu lembrar. Mas se eu lembrar, eu posso te mandar por mensagem?

LÉO: Pode, pode. Se quiser mandar por áudio escrito, pode me mandar.
O: Tá, ok. Então, por enquanto, não consigo pensar em mais nada.

LÉO: Beleza. Então, vamos fazer só algumas outras perguntinhas mais simples mesmo, né? Quanto ano você tem?
O: Eu tenho 21.

LÉO: […] Você, antes de entrar no OnlyFans, estava numa situação, você falou que financeiramente não estava boa. É isso?
O: Era uma situação… Nossa, como é que eu vou explicar? Não era boa. Mas era tipo, o meu dinheiro dependia de uma pessoa, que é o meu pai, que não era uma relação boa, e eu só mantinha essa relação por causa do dinheiro. E daí me libertou disso. Me libertou por conta… E era uma fonte de renda que a qualquer momento poderia acabar, assim como eu já tinha acabado antes. E eu ia cair numa situação de vulnerabilidade extrema. E o OnlyFans, inclusive, foi o que salvou a mim e a minha família dessa situação, porque no fim das contas também essa fonte de renda acabou. Ia acabar de um jeito ou de outro.

LÉO: Entendi. Bem, acho que é isso. É a minha parte de hoje. Você também tem mais algo pra comentar?
O: Não tem.

APÊNDICE 5 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO: L **DATA: 16/11/2023**
IDADE: 23 ANOS **REALIZADA VIA ZOOM**

LÉO: Atualmente, o que significa a venda de conteúdo adulto pra você?

L: Bom, sinceramente, eu faço mais por diversão. Porque como eu sou pequeno e o dinheiro que entra não é muito, eu comecei a fazer mais por… Eu queria biscoitar e eu separo muito o que eu tenho com os meus amigos, com o meu Instagram, né? Que se tem biscoito é mais uma coisa mais, sei lá, sem camisa mas nada muito explícito. Então, tipo, eu acho que a pessoa, pra mim, é muito… Tipo, a pessoa tem que escolher o que ela vai ver ou vai deixar de ver. Por mais que seja meu, eu acho que é uma coisa muito… Eu separo muito, entendeu? Então, tipo, a pessoa que me segue no Twitter, ela sabe o que tem lá. Então ela vai ver o que tem lá por escolha própria. Então primeiro eu comecei mais a fazer por biscoitagem mesmo e tal. Aí chegou um momento que, tipo, eu vi uma oportunidade… "deixa eu fazer um teste aqui, deixa eu começar a tentar." E aí eu vi que, com o tempo, o pessoal foi comprando, e aí pra mim ficou mais isso. Acho que talvez mais diversão no momento. Porque como eu faço faculdade, não pretendo levar isso como trabalho, como fonte de renda principal, né? Não tenho essa pretensão, não.

LÉO: Então, mesmo antes do OnlyFans, você já, digamos, postava fotos, conteúdo adulto nas redes sociais?

L: É, eu comecei… na minha cabeça, como eu já tinha, assim, eu pensava em uma hora acabar fazendo, eu comecei a fazer… postar mais no Twitter pra que, tipo, as pessoas me encontrassem. E depois de um tempo, quando eu já comecei a ter uma quantidade, tipo… são poucos, mas quando eu comecei a ter alguém já me seguindo, uma quantidade que eu achava que talvez alguém ali fosse comprar, eu comecei já a privar um pouco mais o que é que eu posto. Ou então, pelo menos, separar muito bem o que eu posto no OnlyFans, nas plataformas e no Twitter, entendeu? O começo foi mais pra realmente, tipo, pras pessoas me verem, sabe?

LÉO: Mas o conteúdo que você postava anterior já era explícito também?

L: Já, desde o começo. Eu comecei pouco, na verdade. Foi, tipo, mais nada muito tão explícito, mas eu vi que no final o pessoal acaba curtindo, o que acaba sendo compartilhado mesmo… quanto mais explícito melhor. Então, tipo, inclusive uma coisa que eu posto pouco são as pessoas… que as pessoas mais pedem é vídeo transando. Tipo, a minha intenção nunca

foi postar vídeo transando. Mas quando eu postei, foi o que o pessoal mais comprou, foi quando o pessoal mais, digamos assim, engajou. Mas no início eu não tinha essa pretensão. Foi mais cueca, foi mais, tipo, umas fotos aqui e ali, mas depois eu falei, ah, foda-se.

LÉO: Legal. E aí, enfim, você já respondeu uma parte dessa pergunta, mas, enfim… Quando e por que você decidiu entrar no OnlyFans/Privacy?

L: Ah, eu… Como eu falei, né? Eu comecei mais quando eu vi que tinha, tipo, um… Já vi… Eu vi uma oportunidade… já vi que tinham pessoas que acabariam comprando, né? Quando eu comecei já ter um pouquinho mais de seguidor. Falei: "ah, deixa eu tentar". Aí eu comecei com ele… é… como eu não era… não sou conhecido, não tinha pessoas que me seguiam, era pouca gente, era coisa de mil, dois mil, eu comecei com ele de graça. Porque, primeiro, eu queria ver que as pessoas começassem a… a ver o que é que eu posto lá. Então, eu passei um tempo, uns dois, três meses, de graça, pra ver o que as pessoas gostavam lá. Pra as pessoas verem o que eu postava lá. E que, depois de um tempo, eu privei. Porque, tipo, a… o pouco que tinha já, já, tipo… Ah, já sabe mais ou menos o que eu posto, que eu deixei de postar. A diferença dos dois conteúdos, porque… Eu… Tem uma diferença, né? Então, tipo, pra mim, pelo menos. Então, tipo, eu comecei a fazer assim. Qual foi a resto da pergunta? Desculpa.

LÉO: Quando que você começou?

L: Ah, quando? Ah… Vai fazer um ano? Eu acho que vai fazer um ano. Eu tenho um ano já. Mas foi no final do ano passado. Foi quando eu comecei a postar.

LÉO: Tá. E você pode me contar mais ou menos como que é essa experiência como criador de conteúdo adulto? Como que você descreve essa sua atividade?

L: Ó, como eu falei, como eu faço… Eu faço muito por diversão. E querendo ou não, tipo, é uma coisa que melhora o ego um pouquinho, sabe? Então, tipo… é uma coisa que eu… eu faço e, tipo, meu namorado acaba fazendo também. Ele faz também. Então, tipo, é uma coisa que acaba… mais por diversão mesmo. Mas agora, assim, existe sim uma pressão. Existe sim um… Eu tava pensando sobre isso. Eu levo acho que talvez como… digamos assim… um Instagram +18, talvez. O Twitter, pelo menos. Sabe? Que eu tenho mais liberdade pra postar o que eu quero postar. E… e querendo ou não, eu ganho um pouquinho em cima disso. Sabe? Acho que talvez seja isso pra mim. Talvez seja um… Instagram. Porque Instagram você faz por diversão, né? Pra lazer. E eu acabo fazendo isso. Mas, claro, eu tenho um tempo, eu não tô fazendo nada, eu acabo fazendo. Eu tento prestar um pouquinho mais de

atenção no OnlyFans, no Privacy, porque tem pessoas pagando ali, né? Então, tipo… eu tento prestar um pouquinho mais de atenção. Tentar um pouquinho mais de… frequência, digamos assim. Mas às vezes não dá, porque, como eu falei, eu faço faculdade. Então, minha… Eu tô muito ocupado com a faculdade. Então, minha prioridade é a faculdade.

LÉO: Entendi. E quais são os seus principais desafios que você enfrenta atuando nessas atividades?

L: Pô, sinceramente, acho que talvez o principal desafio seja comigo mesmo. Acho que talvez a comparação a pressão de, tipo… assim, estética. Porque a gente sabe que no meio LGBT tem muito isso, né? E… acho que é uma questão mais comigo mesmo. Acho que talvez… os desafios, sabe? Tipo… porque, querendo ou não, tem muito público. Digamos assim. Tem muita gente fazendo, mas tem muito… Você consegue se encaixar… Tem várias… Como eu posso falar isso? Vai ter público pro seu conteúdo. Assim como tem gente que gosta de algo mais produzido, tem gente que gosta de algo mais caseiro, tem gente que gosta de twink, tem gente que gosta de… enfim, tem público ali. Só que talvez seja… acho que talvez o desafio seja mais com você mesmo. Ou você se comparar com os números, porque sim, você chega num momento que você fica, tipo "tá, mas aquela foto não pegou. Essa foto aqui pegou 500, essa aqui pegou 100 só. Meu Deus, o que eu fiz?" Sabe? Então você começa a ficar meio coisado com isso. Mas que fora isso, sinceramente, pra mim, pelo menos, eu não tenho muito… não existe muitos desafios. Talvez um… eu sei que tem algumas pessoas que possam ter um problema com falar que faz. Que faz escondido, que não quer falar com medo das pessoas julgarem. Eu sou mais… Foda-se se eu falo mesmo. Quanto mais gente saber, eu quero que… estou postando pra ser visto, né? Então quero que as pessoas vejam, quero que as pessoas paguem e comprem. E… minha mãe sabe, minhas tias sabem. Então, tipo, é uma coisa que eu não… não vejo muito… não tenho muito problemática com isso.

LÉO: Então, realmente, você não chegou a enfrentar a questão de estigmatização, questão de privacidade, de relacionamento e coisas desse tipo mesmo.

L: Então, como… Eu comecei a fazer antes de namorar. Como eu falei, tem mais de… tem um ano já. Provavelmente tem um ano. Mas eu comecei a namorar tem, tipo, sete meses. E… no começo eu sempre falei… no momento que eu estiver com alguém, como eu não levo isso como trabalho, o ideal pra mim seria uma pessoa que entendesse que, tipo, porra, eu só estou lá postando, as pessoas falam comigo e eu falo de volta, porque eu tenho que envolver a pessoa. A pessoa tem que gostar de mim pra poder comprar, né? Porque às vezes a pessoa não

compra só pela aparência, pela foto… é porque a pessoa gosta de você, né? Então, a pessoa tem que… Você tem que querendo ou não seduzir a pessoa, né? Assim, essa pessoa tem que gostar de você e tal, enfim. E… Mas eu sempre decidi, sempre tive na minha cabeça que é algo que eu faço por diversão. Então, se a partir do momento que eu estiver com alguém que fala: "ah, isso aí me incomoda mesmo e tal, tipo, realmente não gosto", eu acho que talvez… Eu acho que talvez eu pararia, sabe? Eu daria uma pausa, então, tipo, eu só… Excluir pra mim é meio pesado, porque, tipo, porra, foda… tem um tempo que já meio que invisto ali, né? Então, mas eu acho que eu pararia sim, porque não é algo que eu levo como profissão, sabe? Então, tipo, é algo que eu não exijo que a pessoa entenda. Mas que o ideal pra mim seria mesmo se a pessoa realmente entendesse que são coisas que não tem nada a ver, sabe?

LÉO: É, você chegou a comentar que o seu foco principal é a faculdade, né?

L: Isso.

LÉO: E você está no Japão, né?

L: Sim, eu moro no Japão.

LÉO: Pode contar um pouquinho como foi pra ir?

L: Eu vim pra cá por uma bolsa. Eu moro no Japão, vai fazer cinco anos agora em março. No final de março vai fazer cinco anos, eu tô pra me informar já. E eu vim através de uma bolsa. Então, primeiro eu comecei na escola só de japonês, que a bolsa paga, paga tudo, é 100%. E depois de um tempo… eu fiz um ano só de escola de japonês, depois eu fui pra escola técnica, me formei, e eu fiz uma extensão da bolsa pra faculdade. E agora eu vou me formar na faculdade também.

LÉO: E você tá aí desde quando?

L: 2019, eu vim abril de 2019. E é isso, eu pretendo ficar aqui mais uns dois, três anos talvez, depende muito de como for a relação com o trabalho, mas que eu não pretendo voltar pro Brasil, não. Se eu fosse, seria uma coisa por talvez um curto prazo, alguns anos pra me preparar pra ir talvez pra outro país, sabe? E enfim, é isso aí. Eu… mas por ter algum… Como eu sou brasileiro, eu tenho um público brasileiro, querendo ou não. Por isso que eu tenho os dois, os dois, o OnlyFans e o Privacy. Na verdade, no começo eu queria testar, só que pra mim, pelo menos, a demanda é mais ou menos a mesma, sabe? É mais ou menos, tipo, não tem uma discrepância muito grande de qual que tem mais assinatura e qual que não tem. Muita gente me reclamava, quando era de graça, porque no OnlyFans você tem que botar cartão de crédito. E aí as pessoas reclamavam pra mim, "pô, eu não gosto de botar cartão de crédito." E no Privacy tem como fazer o Pix. Pra mim, pessoalmente, eu ganho mais com o

OnlyFans, por causa do dólar, só que o Privacy é muito mais prático pra tirar o dinheiro. E, tipo… como eu não ganho muito dinheiro, é uma coisa, tipo, muito pouco… é, pra muita gente é muito… mas não é algo que muda a minha vida. Eu saio de vez em quando com esse dinheiro, compro alguma coisa com esse dinheiro, mas não é algo que muda a minha vida. Então, às vezes, como tem que encaixar aquela taxa mínima do OnlyFans, acaba levando tempo, e pra transferir eu perco mais dinheiro. Então, tipo, é… Nossa, eu acabei me perdendo. E aí, eu acabei fazendo os dois, porque eu vi que tem a demanda pros dois, e, tipo, a discrepância, tipo, não é muito discrepante, né?

LÉO: Entendi. É… Mas então, só pra retomar aqui um pouco. Você já tava no Japão quando você abriu o OnlyFans, né. Mas no Twitter que você já tinha pra postar as coisas, também você tinha antes de ir pro Japão, ou quando você estava no Japão?

L: Não, não, eu fiz aqui no Japão mesmo. O ponto a pé inicial, foi porque, tipo, no Twitter eu acho… pelo menos pra mim, o lance de eu ver pornô, eu não vejo mais em sites. Eu vejo no Twitter, ponto. E aí, como o meu Twitter principal eu tenho meus amigos, eu não acho… Eu, pelo menos, não acho legal eu estar lá, sei lá, curtir um pornô, ou então salvar, ou então repostar, e pessoas que estão lá me seguem vão acabar vendo, tipo… Eu, L, não acho. Acho uma coisa… sabe, como eu falei, eu separo muito, a pessoa não é obrigada a ver, entendeu? Então, eu falei, "ah, vou criar uma conta separada", e foi o ponto a pé inicial que eu comecei. Eu falei, que aí eu curto, eu vejo, eu salvo, eu comento, se eu não quiser comentar, e vai ser pra isso separado. Ou então, por exemplo, eu tô no trem, eu quero usar o Twitter, e não posso, porque vai um ter monte de rola, sabe? E, tipo, o japonês vai me matar, porra, que é isso. Então, tipo, eu decidi fazer essas duas contas. Aí foi bem depois, foi um ano, um ano e… Não passa de um ano e meio, mas foi de um ano e meio pra cá.

LÉO: Mas teve algum motivo específico, algum momento que você percebeu essa virada de, tipo assim, "ah, to postando de graça" pra começar a postar no OnlyFans, Privacy?

L: Ó, eu tinha… eu namorava, eu vim pra cá namorando. Eu namorei seis anos. E aí eu terminei. Eu comecei a namorar com essa outra pessoa. No começo, eu tinha até… a gente pensava, eu comentava: "vamos fazer um e tal, nós dois", que a gente trocava muito com outras pessoas. Então, tipo, eu falava: "ah, tá mandando de graça, vamos fazer pagando, né?" E aí, sempre rolou essa brincadeira e tal, mas a gente nunca fez. Mas chegou um momento que eu falei, "e se? Sabe? Deixa eu tentar aqui." E foi que, foi assim que eu fiz.

LÉO: A sua motivação principal, você acha que foi mais uma questão mesmo desse exibicionismo, do fetichismo, ou do dinheiro?

L: Não, dinheiro pra mim inicialmente não foi, não. Eu vi só como, tipo, "ah, eu vou acabar ganhando alguma coisa. Se der muito certo, que bom." Mas que, tipo, eu quis fazer o teste, sabe? Mas não foi.

LÉO: Tinha a vontade ali. Se der bom…

L: É, sim, sim, sim. Como falei, eu faço faculdade e realmente não pretendo levar isso de forma a longo prazo, sabe? Até porque eu tenho a pretensão de, tipo, morar em outros países e tal. Eu acho que pelo menos eu nunca parei pra pensar como é que seria você morar em outro país não é questão só de dinheiro, né? Você tem que ver como é que você vai conseguir o visto, tem que ver. E eu sei que, tipo, o trabalho é muito mais fácil pra você ver na minha área, que eu faço TI. Então… enfim, é isso aí.

LÉO: Mas e se você chegou a ter algum contato com o trabalho sexual anterior ao Privacy ou ao OnlyFans, tipo, fazer programa, atuar em filme pornográfico?

L: Não, nadinha, mas eu faria se eu precisasse. Eu sempre falei isso, eu não acho que é um trabalho… é um trabalho digno, assim como qualquer outro. A pessoa tá pagando, então, tipo, ela tá escolhendo pagar, é o seu corpo. É uma pessoa que tá escolhendo pagar e eu acho que não diferencia nada de você… de um sexo como qualquer outro. Só que é uma pessoa que escolhe fazer e pagar pra isso. Eu sempre falei que eu faria se eu precisasse de dinheiro pra viver. Não tenho como. É algo que obviamente eu não queria, porque, tipo, você que se submete… querendo ou não, é perigoso. Porque você tá com uma pessoa em um lugar que… Enfim, são coisas que você se submete e você não sabe com quem você tá ali, né? E aí, você não sabe o que seu marido de 30 anos tá fazendo com você, quem dirá… uma pessoa que você não conhece. Então, tipo, tem um perigo, tem toda uma questão aí, mas eu faria se eu precisasse pra sobreviver. Porque eu não acho que é um trabalho… eu acho que é um trabalho digno, assim como qualquer outro. Mas fazer eu nunca fiz, não. Mas se hoje chegasse assim… se hoje… se alguém chegasse assim da repente me oferecesse uma coisa… eu pensaria. Não preciso, mas eu pensaria. É, dinheiro na mão, cueca no chão. É isso aí.

LÉO: Beleza. E aí, então, nesse sentido, o que teve de diferente no OnlyFans, no Privacy, que então você entrou neles, mas nessas outras atividades, não?

L: A diferença que eu… eu tenho… pelo menos… eu sei que isso é algo muito pessoal, mas pra mim, eu tenho uma questão mais com o meu corpo. Eu já fui muito gordinho e sofri

muito bullying, então… é… Junto com a virada do… de eu começar a usar o Privacy, começar a usar o OnlyFans e o Twitter, veio eu começar a cuidar de mim, que foi depois do término, e começar… Ah, história simples. De que, tipo, terminou, vai virar rato de academia. Pronto. Então, tipo, eu virei. Quando eu virei, eu comecei também a cuidar mais de mim. Mas, tipo… e aí, é… Com isso, eu… Calma. Desculpa. Repete.

LÉO: É… O que fez com… Tipo assim, você nunca atuou em outras formas de trabalho sexual, mas o que teve de diferente no OnlyFans que você aceitou?

L: Então, aí tem essa questão que eu tenho muito com a minha imagem, e no Twitter, no OnlyFans, eu tiro as fotos, eu edito, eu faço tudo, e eu escolho a… como a pessoa me vê. E eu tenho como escolher também, tipo, algo físico. Eu não tô ali com a pessoa… eu não me ponho em situação que, tipo… É… Sabe? Tipo… pra mim é muito diferente você se colocar num lugar com a pessoa que às vezes você não quer. Por exemplo… A pessoa tá pagando por alguma coisa que você tem que fazer e às vezes você não gosta. Então, você tem que fazer porque a pessoa tá pagando. Você não tá fazendo um favor, você tá fazendo um serviço ali. Então, você, com o OnlyFans, você fala: "eu faço isso aqui", e é isso aí. Então, você escolhe pagar sabendo que eu não faço o que aquilo ali é, sabe? Então, eu acho que tem essa diferença muito grande de você se colocar numa situação em que, tipo… De um a um, talvez, né? Com a pessoa que tá pagando o negócio, e ela vai querer que, tipo… Ah, sabe? Por exemplo… Vai um cara que se diz que é hétero e, tipo… Ah, que nem eu tava esses dias falando de um cara que só não beijava. E aí, tipo… Ok, mas, tipo, por exemplo… A pessoa vai falar: "porra, eu tô pagando aqui e você não vai me beijar? Como assim?" Sabe? E quando ele faz por escolha própria e escolhe as pessoas que ele vai fazer, que ele vai gravar, que ele vai isso, é muito diferente, entendeu?

LÉO: E hoje em dia, também, a gente tem muito discurso que associa a venda de conteúdo adulto com uma forma de alcançar uma liberdade financeira, com dinheiro fácil, com esse tipo… Você acredita que isso pode ter influenciado sua entrada?

L: Hm… Acho que não, porque eu não pretendia, como eu falei, eu não pretendia levar isso pra frente, então… A longo prazo, né? Acho que talvez não. Como… nunca pensei muito em renda. Pensei só um dinheirinho aqui e ali "vou sair de vez em quando, vou comprar umas coisas", mas, tipo… Acho que não. Acredito que não.

LÉO: Beleza. E como que você separa, então, o seu prazer pessoal, o sexual, do que você

cria pro OnlyFans? Chega a ter alguma distinção, ou essas coisas se confundem? Onde que começa e acaba uma coisa?

L: Então, eu tenho um problema muito grande, que eu não sei exatamente o que é. Eu tenho um problema com câmera. Eu não consigo ficar duro com câmera. Eu não sei o que é, eu tenho muita dificuldade. Eu achava que era a posição, porque antes eu não tinha tripé, não tinha isso, não tinha aquilo. Eu achava que era. Eu comprei, só que, tipo… eu não sei se… não sei, não sei exatamente o que é. Então, pra mim, começou meio que… aí chega um momento que eu… que eu acabo me forçando, e eu acabo, talvez, me misturando, que eu fico porra, como assim? Com o meu parceiro, meu namorado, eu tento não… A gente mora em cidades separadas, então eu tento, pelo menos, não toda hora que a gente, sei lá, for transar, toda hora gravar, porque, tipo, vira obrigação, sabe? Vou acabar transando, "ah, quero gravar, vamos transar". E é algo que eu tento não fazer muito, pra poder não misturar essas coisas, porque, senão, eu acho que é muito fácil você misturar. Você acaba deixando de aproveitar o momento ali, porque você quer tirar uma foto, porque você quer gravar, porque você quer fazer isso e aquilo. Então, eu tento sempre manter o pé no chão e, tipo, "ah não, agora"… principalmente sozinho, porque é muito mais fácil você acabar misturando quando você tá sozinho. Falar: "ai, tô aqui, vou bater uma… Ai, por que não tirar uma foto? Ai, por que não… é… dar uma gravadinha aqui e ganhar alguma coisa em cima?" Não, mas aquele momento eu tento não. Agora não, agora eu vou aproveitar e vou fazer aqui, sozinho, sem pensar e entrar na foto. Eu tento sempre manter, porque eu acho que é muito fácil você acabar misturando. Sabe? Acho que é aquele típico caso de quem trabalha em casa, sabe? Tem meio que um ambiente de trabalho, sabe? E acaba o que você chama de casa, acaba virando seu ambiente de trabalho também, sabe? Então, o que você chama de prazer, acaba virando um trabalho também. Eu acho que é muito fácil você acabar misturando.

LÉO: Certo. Você chega a considerar o OnlyFans uma forma de trabalhar, a sua forma de trabalho?

L: Ah, e pra mim é um… Assim, é um arubaito. É um… É um… Eu acho que talvez um trabalho meio período. É um trabalho meio período que chama. É. Talvez… Eu levo, porque querendo ou não eu ganho dinheiro. Acho que não tem diferença. Pode ser que seja menos, pode ser que seja mais, pode ser que seja com menos frequência, com mais frequência, mas querendo ou não você está tendo uma renda ali. Então, tipo, pra mim eu levo como se fosse um arubaito. É.

LÉO: O arubaito é um… Eu não sei o que é.

L: É, desculpa. É… É trabalho meio período.

LÉO: Ah… E aí no final de 2022 a Privacy veiculou uma campanha aqui na cidade de São Paulo, né, que… com os dizeres "monetize liberdade". Foi uma campanha que foi espalhada em dez pontos da cidade de São Paulo, né. E hoje em dia, você, estando aí dentro dessas plataformas, você concorda com esses discursos? Você acha que você sua experiência se aproxima disso?

L: Acho que sim. Acho que sim. Porque você… principalmente… eu entendo o cuidado que o OnlyFans tem com algumas coisas, porque é bem mais chato que o Privacy. Mas eu acho que sim. Acho que liberdade em vários sentidos, como seja… Você ganha dinheiro, então você ganha… Se você for realmente considerar como trabalho, você ganha, tipo, uma liberdade financeira, né, porque… Principalmente no Brasil, que, né… Então você ganha dinheiro, você tem uma renda ali, você escolhe, né, em que momento você vai fazer. É como um trabalho autônomo qualquer pra mim, realmente. Então acho que eu acredito que sim.

LÉO: E hoje em dia também se fala muito sobre a questão da uberização, né? Então, trabalhadores de aplicativo como o de Uber, eu não sei se tem iFood aí, mas enfim… iFood, né, eles não tem jornada de trabalho fixa, direito de trabalhistas, aposentadoria, férias, plano de saúde garantido, né? Da mesma forma, quem cria conteúdo adulto para as plataformas também não. Você acha que tem algum paralelo aqui que pode ser tratado ou se trata de uma coisa diferente?

L: Sinceramente, não é o que eu cheguei a pensar, sabe, muito. Eu acho que quando eu saí do Brasil, falava um pouco sobre isso, mas não falava tanto, talvez, como hoje, sabe? Então é uma coisa que eu não acompanhei tanto. Eu vim pra cá com muito novo, eu vim pra cá com 19, então, tipo, guri… tipo, não é algo que eu pensei muito, sabe? Quando eu tava começando a ter no Brasil não é o que eu pensava muito. E foi antes da pandemia, então, à época… por mais que o Brasil nunca tenha sido perfeito, mas, tipo, era bem diferente do que é hoje, né? Então, é uma coisa que eu não cheguei a pensar muito. Mas eu acho que talvez alguns direitos sim. Porque eu acho que pra muita gente, pra muitos, alguns casos, não é considerado trabalho. Então, tipo, eu acho que tem que ter alguns direitos sim, porque tem muita gente que vive, literalmente, disso, né? Então, não sei quais, não vou conseguir, talvez, falar quais os direitos, quais que é o que realmente esse lance de trabalho no Brasil eu não entendo nada. Como eu falei, eu vivi como pessoa, como gente, como adulto, aqui no Japão. Então, o que eu entendo um pouco mais é do Japão, e não do Brasil. Então, não sei

exatamente quais os direitos, mas eu acho que sim, alguns direitos sim, porque eu acho que é um trabalho como qualquer, sabe? Um trabalho autônomo, né?

LÉO: Bom, se você se sentir confortável em compartilhar, como que a renda obtida nessas atividades afetou sua vida, suas perspectivas financeiras e profissionais, e se elas afetaram, no caso?

L: O que eu ganho, por exemplo, eu cheguei, quando eu realmente foquei, eu tava de férias, decidi focar, foi algo de 500 reais no mês. Eu achei muito, porque tem muita gente que trabalha no mês inteiro pra ganhar, sei lá, mil reais… o salário mínimo… 800 reais. E eu bati três punhetas e foi isso aí. Então, tipo, eu achei muito. Então pra mim eu fiquei muito, tipo, porra, tá? Foi algo que eu consegui usar pra algumas coisas e tal. Pra mim, transferindo pra cá, não fica tanto, mas foi algo que deu pra comprar algumas coisas e tal. Mas é algo que eu não conto mesmo. Como eu falei, eu não conto, é um dinheiro que eu posso ganhar aqui naquele mês, mas como tem meses que eu tô, por exemplo, agora eu tô fazendo TCC, eu não foco tanto, então é algo que eu não sei que não vai ser igual. Então é algo que pra mim é mais… ganhar dinheiro aqui, comprar alguma coisinha no mês que eu vejo quanto é que dá, aí eu vejo o que é que eu vou fazer com o dinheiro. Se eu junto, se eu não junto, se eu gasto com… Mas que em geral eu não conto com esse dinheiro, sabe?

LÉO: Certo. Bom, das perguntas do meu roteiro aqui, eu acho que é mais isso, então eu queria só perguntar também antes ainda. Se tem alguma coisa que você quer acrescentar, comentar, alguma coisa que você acha que pode ser relevante pra você falar, que não passou pelas respostas, ou enfim.

L: Não… falei e pensei um pouco antes, mas acho que talvez não. Acho que em geral é bem isso aí mesmo. Tipo, é uma coisa que sim, você escolhe, você tem uma liberdade maior, eu acredito que sim. E você tem um poder de escolha maior do que algo físico com alguém que você… Você convida a pessoa, a pessoa não tá pagando pra você, então acho que realmente em geral é muito… Acho que se eu for falar muito mais aqui, acho que eu vou acabar só repetindo o que eu falei antes, anteriormente. Que… esse poder de escolha, essa coisa, mas enfim, acho que é isso aí. Acho que tudo o que eu falei é bem o que eu penso mesmo, acho que não tem nada muito diferente.

LÉO: Certo. Então eu vou só fazer algumas outras perguntinhas mais pra pegar o seu perfil mesmo. […] Quanto você tem?

L: 23.

LÉO: E você considera que você, antes de começar no OnlyFans, antes de você começar se você vinha de uma família de uma… você tava numa situação de classe baixa, média, alta?
L: […] Vai, classe alta, média-alta, vai. Acho que sim.

LÉO: Beleza, então. Acho que era isso.

APÊNDICE 6 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO: J **DATA: 17/11/2023**

IDADE: 29 ANOS **REALIZADA PRESENCIALMENTE**

LÉO: Atualmente, o que significa a venda de conteúdo adulto pra você?

J: Bom, é a minha principal fonte de renda atualmente. Também é um estilo de vida que eu escolhi seguir… Renda, vida e… e também tem uma coisa que eu refletia muito no começo, que era uma desconstrução. Tipo, quase como uma coisa política. Do tipo… uma coisa que acontece às vezes. Mas de quebra alguns paradigmas em relação ao sexo. Então, tipo, às vezes as pessoas me veem fazendo algo que às vezes elas têm muita vontade e acho que o fato de ver outra pessoa fazendo, com tanta liberdade, na internet permite que elas façam também. Então, acaba sendo uma… o OnlyFans pra mim também, é… criação de conteúdo adulto também acaba sendo algo que eu… que acaba influenciando na sociedade como um todo. Eu acho… já recebi várias mensagens. Tipo, eu e o [Z] a gente fazia muito passivo. Normalmente quando você vai… mesmo sendo casal, normalmente quando você vai gravar com outras pessoas, tipo, quando você tem um relacionamento aberto e você vai transar com outras pessoas, sempre é um preconceito. Casais têm medo. E a gente no começo, quando a gente gravava junto, a gente recebeu algumas mensagens de pessoas falando sobre isso. Sobre o fato de, tipo… verem um casal fazendo uma coisa, se permitindo, sem julgamentos, influenciando a relação. E também isso se caracteriza em várias outras coisas, não só sexo, que eu tinha com ele como casal. Mas também outras coisas que eu faço. As pessoas me mandam mensagem. Falando esse tipo de coisa. Tipo, eu tenho menos vergonha de fazer as coisas. Até porque eu sou bem desinibido. Eu faço coisas bem extremas.

LÉO: E quando e por que você decidiu entrar no OnlyFans? Quais foram as suas motivações iniciais?

J: Primeiro, eu sempre tive muito fetiche em assistir. Então, antes da gente abrir a conta, eu e o (Z), a gente… acho que um ano antes de abrir a conta… toda vez que ele ia transar com outra pessoa eu pedia pra ele gravar. Porque eu gostava de assistir. Eu tenho fetiche em assistir. Às vezes, não necessariamente nem participar. Mas assistir. E… então… quando… essa foi uma das motivações de eu começar a criar conteúdo. De, tipo, gravar o sexo. E aí, ele gravava quando ele saia com alguém. A gente, quando transava a três, acabava gravando

também. Eu sempre consumi muito esses vídeos depois. Em vez de assistir, tipo, sei lá, pornô normal, entrar naqueles vídeos e assistir alguma coisa, eu pegava e eu assistia os meus próprios vídeos. Essa foi a motivação pra gente CRIAR conteúdo. Pra abrir a conta no Twitter, teve o que o (Z) falou. Tipo, foi alguém em casa pra transar três. E aí a gente acabou gravando, porque o menino criava conteúdo. E a gente, na hora do tesão, falou "Não, vamos gravar um vídeo com você. Foda-se tudo, vou mostrar o rosto." Porque até então a gente gravava, mas os vídeos ficavam com a gente. E, tipo, ninguém tinha acesso ao nosso rosto a não ser nós mesmos. Nesse caso, a gente topou gravar pro menino, pros canais dele, mesmo mostrando o nosso rosto. Tipo, foi um surto. Aí a gente gravou. E aí, no dia seguinte ele dormiu em casa. No dia seguinte a gente acordou, ele falou: "Ah, cria uma conta, posta algumas coisas." A gente criou, postou. E deu um engajamento muito bom logo de início. E assim, eu acho que teve a motivação pra começar, que foram essas duas: gostar de fazer isso; e ser incentivado. Mas não foram as motivações pra manter. Porque, tipo, eu trabalhava. O (Z) trabalhava. A gente posteriormente iria lidar com problemas de família, contar isso pra família, amigos… porque aí começa a influenciar. Então… essas foram as motivações pra começar. Aí quando… acho que o dinheiro, ele entra depois, como motivação pra continuar fazendo isso. Porque eu acho que se fosse algo que não fosse tão rentável, talvez não tivesse valido a pena colocar meu emprego em jogo pra fazer isso. E eu acho que motivação pra manter… E aí você pega gosto. Pelo assédio. Pela fama. Por essas coisas. E acaba isso também sendo um fator de querer manter.

LÉO: Então, você só… No começo você falou de você ter aberto o Twitter, né? Pra começar a postar o conteúdo. Mas quando você disse Twitter, você disse Twitter e o OnlyFans também, né? Foram os dois juntos? Ou não, foi primeiro o Twitter e depois você começou a monetizar o conteúdo?

J: Primeiro o Twitter. Dias depois, ONow[26] e duas semanas depois o OnlyFans. No entanto, quando o nosso vídeo viralizou no… o vídeo do [omitido] viralizou… a gente tinha acabado de criar o OnlyFans. Então, tipo, foi muito bom. Porque teve um engajamento extraordinário no OnlyFans, e a gente tinha acabado de abrir ele. Então, tipo, a gente já começou muito bem. E… Mas assim, tudo numa janela de 15 dias.

LÉO: Mas então, quando você abriu o Twitter, você já tava na intenção de abrir o OnlyFans, ONow e monetizar. Ou não, foi tipo… Porque deu certo e vocês abriram?

[26] Plataforma de venda de conteúdo, tal qual OnlyFans e Privacy.

J: Exato.

LÉO: Não era a intenção inicial?

J: Não. Eu acho que se na hora que a gente abriu o Twitter… acho que no momento de abrir o Twitter foi mais uma coisa assim de… só expor o que tava fazendo, ganhar um engajamentozinho ali. Porque o menino que a gente tinha gravado, ele era grande. Então, provavelmente ele ia marcar a gente nas coisas, e aí a nossa conta também ia ter uma visibilidade legal. Então naquele momento, não. Mas aí a gente decidiu abrir ONow… depois… porque o engajamento foi extraordinário. Então, a gente falou: "Ah, isso aqui… vamos ver aqui o que vira financeiramente, né?" E aí a gente abriu ONow. Começou a entrar dinheiro. Abriu o OnlyFans. Viralizou. E aí, tipo… foram… foi muito dinheiro numa vez só. No entanto, o que eu só levei… É… Só fui ter um pico de assinantes como eu tive no primeiro d-… nesses primeiros dias de viralizar, um ano depois. Então tipo, primeiro mês, assim, foi extraordinário.

LÉO: Então… Você começou, na verdade, a postar o conteúdo online mais por uma questão, digamos, de exibicionismo, fetichismo… Aí vocês viram como uma oportunidade…

J: Financeira.

LÉO: Já porque já tava tendo bastante percussão.

J: Isso.

LÉO: Beleza. Tá. Isso foi quando mesmo?

J: Isso foi em julho de 21.

LÉO: Beleza.

J: Dois anos e… Cinco meses atrás.

LÉO: E aí você pode me contar, mais ou menos, como que é a sua experiência como criador de conteúdo adulto pro OnlyFans? Eu vou botar o OnlyFans aqui, mas você pode entender como qualquer plataforma. Seja a Privacy ou ONow, enfim. É… Criador de conteúdo adulto. Como que você descreve a sua atividade, o trabalho?

J: Tipo, rotina?

LÉO: É. O que você faz? O que você considera parte do seu trabalho? E como que funciona?

J: Ah, toda a dinâmica. Principalmente, criar o conteúdo; Editar o conteúdo; Separar os

trechos principais que vão… que a gente vai usar como divulgação; A parte de network, que é conhecer as pessoas, se envolver, conversar, pra também fazer parceria. Eu tenho uma parte analítica, né? Então, eu tenho gráficos, dashboards, onde eu coloco lá, diariamente, o que tá entrando de assinantes. E eu sempre tenho uma noção de evolução mensal, rentabilidade. Que é o que me gera… Porque antes de trabalhar com OnlyFans, eu trabalhava com dados na empresa. Então, tipo, eu meio que puxei uma coisa. Também… hoje em dia eu não faço mais tanto, mas também fazia muita pesquisa de mercado. Tipo, eu entrava… eu assinava os OnlyFans, e eu via pessoas grandes, e via como eles trabalhavam, e repliquei isso nos meus. Hoje tem diversas coisas que eu faço, né? A forma que eu compartilho material, e coisas que eu faço no dia-a-dia que foram inspiradas em outras pessoas. E, às vezes, eu faço isso ainda: quando eu vejo alguém destoando muito, assim, eu dou uma observada pra ver o que ele tá fazendo. Então, tem a parte analítica. Aí tem planejamento de conteúdo, que isso também eu faço. Então, tipo, uma vez por mês, ou algumas vezes por mês, eu entro e planejo o conteúdo dos próximos 30 dias. Só faço alteração dependendo de… Ai, sei lá, chegou na terceira semana, não tá muito bem. Deu uma queda fora do comum. Eu tenho meus indicadores. E aí, tipo, dependendo da quantidade que eu caio, eu sei que alguma coisa tá fora. Então, tipo, vamos supor que eu gravei um vídeo muito bom, que eu planejei postar daqui a um mês. Mas, semana que vem, eu tô mal de assinante. Eu antecipo, e aí eu faço uma manobra. Então, tipo, tem o planejamento, mas também tem uma flexibilidade pra puxar o… pra lidar com isso; Cuidar do corpo… tipo, treinar. Então, hoje em dia eu tenho muito mais disciplina do que tinha antigamente. Tanto que antes do OnlyFans eu tava até meio gordinho. Eu acho que, assim, não é… Cuidar do corpo e cuidar da mente é, tipo, uma obrigação. Uma obrigação, não. Acaba sendo coisas que também são profissionais, né? Normalmente são coisas que a gente faz no dia a dia, mas eu acabo me preocupando com essas coisas pra… Porque eu acabo sendo o produto, né? Eu acabo sendo o resultado do meu trabalho. Então, se eu não tô bem, eu acabo não tendo vontade de gravar. Então, tipo, eu tenho que estar sempre refletindo e tendo atenção com o que tá me fazendo bem. Porque, que nem, né? Trabalhei até março. Até março eu trabalhava na empresa. E eu mantive os dois trabalhos, OnlyFans e eu trabalhei na empresa simultâneo.

LÉO: Por quanto tempo foi isso?

J: Quase dois anos. Na empresa, quando você tá desmotivado, você consegue ligar o piloto automático. Então, eu conseguia entregar o que me pediam, participar das reuniões que me colocavam e acabou. No OnlyFans, se você não tá motivado, é outra coisa. Porque é diferente você criar um vídeo bom, você criar um material legal, você ter energia pra

encontrar as pessoas se você não tá num estado de espírito muito legal. O que acontece? Quando eu não tô bem, eu acabo gravando menos. E, tipo, isso tá intrinsecamente conectado à minha rentabilidade, meu faturamento, né? Então, tipo, não dá pra eu me dar ao luxo, tipo, de não ficar bem. Então, eu tenho que se preocupar. Mesma coisa é corpo: às vezes você não, tipo… você não vende sua imagem. "Ah, eu quero ficar sem treinar, vou viajar, vou tocar o foda-se por um mês, dois meses." Você faz. E não vai ter reflexo nenhum no seu trabalho, tipo, no OnlyFans já é uma preocupação que eu tenho. Então, tipo, "ah, eu tô viajando"- que nem eu passei seis meses esse ano viajando. Mesmo assim, eu tava treinando sempre, na medida possível. Então, eu acho que o que faz parte da rotina, resumidamente, é tudo, essa parte de criação de conteúdo, networking, esse cuidado pessoal, análise, e isso eu acho que é um macro, assim, tipo, eu consigo lembrar agora de principais características da minha rotina de trabalho.

LÉO: E quais são os principais desafios que você enfrenta trabalhando nessa indústria?

J: Ah, eu acho que entender métricas de engajamento. Porque hoje as coisas, tipo, desde que o Elon [Musk] assumiu [como CEO do X, antigo Twitter], o engajamento, ele muda. Às vezes você separa o conteúdo achando que vai ser extraordinário e o engajamento é ruim, às vezes você separa o conteúdo sem botar fé e o engajamento é bom, tipo, não parece que tem mais uma lógica. E eu acho que realmente não deve ter. Eu acho que por… Não, é óbvio, todo algoritmo tem uma lógica. Mas eu acho que eles devem estar no momento de reestruturar o algoritmo do Twitter, eles devem estar testando várias coisas. Então, o tempo todo tá mudando o que gera engajamento. Então, sei lá, eu interagia muito com todas as marcações, focado porque eu sabia que antigamente interações geravam engajamento quando eu publicasse algo. Hoje, às vezes, eu engajo o dia inteiro e aí no outro dia seguinte eu vou postar alguma coisa e não engaja também. Então, também mudou a velocidade de ganho de seguidores. Então, eu acho que o maior desafio é lidar com o engajamento, que é a principal ferramenta pra ser visto, né? Sem engajamento você não é visto e sem ser visto você não consegue novos assinantes. Eu acho que esse é o maior desafio.

LÉO: Mas em questão de estigma social, questão de privacidade e relacionamento com outras questões, você chega a enfrentar ou enfrentou algum desafio nesse sentido?

J: Olha… no trabalho nunca foi… não foi um problema. Na verdade, assim, por algum momento foi, mas não chegou em mim. Quando eu comecei a gravar, meses depois eu contei no meu trabalho, um amigo falou: "J, você não tá em ferindo de nenhuma política da

empresa.” Eu trabalhava em uma empresa grande, então tinha políticas de uma área de compliance e tal… e as pessoas foram descobrindo e não foi me gerando problema até o momento que o gerente falou: “não você faz um bom trabalho aqui dentro não tem porque… e o que você faz depois das 18h não é problema nosso.” Depois eu descobri que chegou a ter conversas com o RH pra saber se isso poderia ser um problema pra empresa e o RH falou que não então acabou que dentro da empresa nunca virou um problema. Na minha vida pessoal, família, se eu não me engano no segundo mês, com receio de descobrirem por outros, eu mesmo contei pra todo mundo que me era importante na época e também não sofri nenhum tipo de problema mãe, avó, irmãos. É… amigos também não. Porque parece que eu fiz mais amigos… as pessoas querem fazer mais amizade depois do que quando você é anônimo. Isso talvez até seja um problema. Tipo, você saber lidar realmente com amizades verdadeiras ou não porque quando você tá hiperexposto, você tem um engajamento bom… mas você não sabe quando a pessoa tá se aproximando… uma coisa que eu sinto é: antigamente eu ia nos lugares e às vezes eu ia “ah, vamos tirar uma foto?” Eu que pedia. Hoje normalmente sempre tem aquele… ai, louco pra tirar foto pra você e pra você postar e pra ganhar um monte de seguidor.

LÉO: Você diz assim aos outros criadores também?

J: Não, não, gente, pessoas aleatórias tipo, às vezes você vai, tem algumas pessoas que tipo… fazem isso de forma bem descarada… são pessoas que tipo, se você não tivesse um pouquinho a mais de seguidor, ela nem queria postar nada com você. Mas por você ter, tipo, quer tirar foto com você sempre que se vê e coisa e tal, te marcar… Isso talvez seja uma coisa ruim, né? Mas eu não sei se é uma coisa direcionada específico ao OnlyFans, ao pessoal de conteúdo, ou qualquer tipo de mínima fama que qualquer um tenha, que vai gerar esse tipo de problema. Tipo, a pessoa pode criar conteúdo normal, a pessoa pode aparecer na TV uma vez e aí tipo, já gera esse tipo de problema

LÉO: Beleza. E você chegou a ter contato com alguma forma de trabalho sexual anterior ao OnlyFans? Como fazer programa ou atuar em filme pornográfico?

J: Não. Mas eu sempre tive vontade de gravar porno tipo… era um desejo que tipo… às vezes eu assistia os filmes pornôs quando eu era adolescente, até depois, e sempre me dava vontade de transar com aquelas pessoas. No tanto que muitos caras que eu transei depois que eu comecei o OnlyFans eram pessoas que eu tinha desejo de transar antes do OnlyFans. Então tipo, foi uma maneira de realizar uma fantasia também, algumas fantasias.

LÉO: E o que você sente que teve de… aliás o que você sente que teve de diferente então no OnlyFans que permitiu você começar então e nas outras formas não?

J: A praticidade de você simplesmente criar conta, postar o conteúdo ali e ter assinante. É diferente de você conseguir chegar numa produtora. Eu acho que antes do OnlyFans eu nunca nem tinha pensado em como acessar… como realizar essas coisas tipo, era algo… E mesmo assim eu não sei se valia a pena porque ator pornô ganha pouco. Ganhava pouco. Os filmes profissionais que eu gravo hoje eu gravo por visibilidade… ou por ego. Mas… GP também nunca pensei em fazer, nunca fiz e não penso em fazer. E outro tipo de trabalho sexual eu não sei o que seria.

LÉO: E hoje em dia tem muitos discursos que circulam associando a venda de conteúdo adulto como a forma de alcançar a liberdade financeira ou de ganhar dinheiro fácil você acredita que esses discursos podem ter influenciado sua entrada nesse ramo?

J: Não, o dinheiro fácil… "fácil"… obviamente. Porque a gente viralizou. E isso é "fácil". Eu não sei se eu classificaria fácil como hoje em dia. Porque eu acho que se eu não tivesse tido a sorte de viralizar no começo, a gente não teria ganhado tanto quanto ganhou. Porque isso gerou uma imagem, as pessoas reconheciam, abriu portas de gravar com outras pessoas maiores logo de começo… então eu não classificaria como dinheiro fácil hoje em dia. Porque talvez até pareça dinheiro fácil no primeiro momento. Quando você começa… você é novo… você… o fato de você ser novo já te gera… já te dá essa facilidade, desse dinheiro. Mas eu acho que o manter depois… esse fácil se torna difícil a longo prazo. Então o dinheiro acaba não sendo fácil depois. Qual que era a outra opção?

LÉO: Na verdade a pergunta era pra entender se essa ideia de ser uma forma fácil de ganhar dinheiro foi um fator que influenciou você a abrir o OnlyFans?

J: Não… Influenciou… É. Pra começar, quando eu… antes de abrir, até o momento que eu abri, o que eu achava que as pessoas ganhavam com o OnlyFans era muito menos do que eu ganhei no primeiro vídeo. Então tipo… quando eu abri eu achei que dava pra ganhar tipo… pagar um rolezinho assim no final do mês, sabe? Depois a gente ganhou dinheiro e… isso talvez me tenha mantido, mas eu acho que foi mais esse negócio de desejo do que financeiro.

LÉO: Beleza. E você considera atualmente o OnlyFans como trabalho, né? Tipo a sua principal forma de trabalho.

J: Sim.

LÉO: Também hoje em dia se fala muito sobre a questão de Uberização né. Então a questão sobre trabalhador de aplicativo tipo Uber e iFood, não tem jornal de trabalho fixa, direito de trabalhistas, aposentadoria, férias, plano de saúde e outras coisas. Da mesma forma, quem trabalha com conteúdo adulto também não. Você acredita que existe algum paralelo a ser traçado ou se trata de uma categoria diferente?

J: Não vejo diferença em relação a ausência de benefícios e direitos, né. O [motorista de] Uber ou criador de conteúdo ou qualquer outra pessoa trabalha de entregador de aplicativo… pra ele ter um plano de saúde, pra ele ter uma previdência, pra ele ter um seguro… ele vai ter que ter uma… Tem que vir por conta dele, isso. Não é uma coisa imposta à profissão igual quando é CLT. Então eu acho que é similar sim. É lógico, eu creio que um bom criador de conteúdo ganha muito mais dinheiro do que as outras categorias, mas eu não sei se isso diferencia a característica da profissão em si. Que é você ter flexibilidade de horário, você não ter um chefe, você ter que lidar com algumas questões técnicas dos aplicativos entender as plataformas, sejam as de comida, de transporte ou as de venda de conteúdo. Essa autonomia, independência, flexibilidade e essa responsabilidade também de ter… Tipo, hoje eu tenho plano de saúde, mas é uma preocupação minha. Tipo, não é uma coisa que um OnlyFans veio e falou: "ah, você tem plano de saúde" entendeu? Mesma coisa a previdência, você tem que se se preocupar com esse tipo de coisa pra ter… não vem junto do trabalho.

LÉO: Mas então nesse sentido você acredita que, por exemplo, a luta que tem dos trabalhadores de aplicativo de tentar conquistar esses direitos… você poderia também ter esse mesmo movimento dos criadores de conteúdo ou então não, é uma coisa diferente?

J: Eu nunca fiz esse paralelo. Então eu tô tendo que pensar. Eu não… vamos lá. Pensando na origem do Uber. Uber surgiu… na época em que ele começou… como uma forma de você dividir suas viagens e dividir a gasolina. Então você ia pro seu trabalho… fazia uma hora, você podia ativar o Uber e até chegar no seu trabalho você podia estar dando caronas pra você compartilhar o custo dessa viagem. Isso… É… É mais ou menos como eu vejo o estágio do OnlyFans hoje. Por que o que aconteceu depois? Uber acabou se tornando renda principal de muitas pessoas e hoje a Uber- é que eu não tenho domínio sobre como funciona as estruturas de trabalho desses aplicativos, conheço o OnlyFans. Mas assim, baseado no que eu tenho de experiência conversando com motoristas, essas coisas- parece que hoje a Uber amarrou… amarra os seus… tipo, se você não fizer tantas coisas você vai ser bloqueado do aplicativo. Rola uma chantagem. E essa chantagem eu caracterizaria como um vínculo profissional. Porque você acaba meio que sendo obrigado a trabalhar da forma que a

Uber quer. O que os aplicativos querem é… acaba tendo que fornecer as suas ferramentas de trabalho… tipo, a Uber não tem custo com carro, não tem nada. E ainda assim ela… acaba tendo como se fosse uma corrente invisível ali te forçando a fazer as coisas. Te incentivando a trabalhar horas e horas seguidas e controlando. Isso é diferente do OnlyFans. O OnlyFans assim… tipo, se eu não… se eu postar um vídeo ruim, eu não vou ser penalizado por isso. Diferente de um Uber fazer uma corrida ruim, se o Uber fizer uma corrida ruim, a Uber vai lá e penaliza ele mesmo, entendeu? Não tem nenhuma pressão do OnlyFans ou de qualquer plataforma que seja em cima dos criadores gerando esse vínculo quase como um vínculo de empregado profissional. Mas talvez isso seja hoje, que o OnlyFans é uma coisa prematura, talvez com o tempo eles acabem indo pelo mesmo caminho que foi o Uber e foram os aplicativos de acabar controlando o parceiro, assim como uma empresa controla um funcionário. Tipo, o Uber… o OnlyFans não exige como que eu devo fazer vídeo nada. Tipo, só põe alguns limites. É diferente de um Uber que às vezes tem que trabalhar em determinadas situações… e isso acho que caracteriza muito emprego. O que torna as reivindicações dignas, entendeu? Não sei se nesse estágio do OnlyFans isso se aplicaria.

LÉO: Certo. E como que você separa a questão do seu prazer pessoal, sexual, do que você queria pro seu OnlyFans? Chega a ter alguma distinção, chega a se misturar… onde começa e acaba o seu trabalho?

J: Uma coisa que eu sempre… não, sempre não. A gente se perde ao longo do caminho, mas uma coisa que sempre foi meu norte, foi de não ter um personagem. Pra que o trabalho… pra que tivesse uma integralidade entre… Porque assim, tem gente que tem personagens e acaba vendendo esses personagens pro público. Um cara que não é ativo, mas só faz ativo porque os fãs gostam, um cara que põe uma determinada roupa… Então, isso acaba se similarizando ao pornô tradicional que é você vender uma coisa que foi criada ali pra aquele momento. Eu, eu vendo minha intimidade. Então por vender a minha intimidade, eu acabo tendo essa integralidade entre o que eu sou na internet e o que eu sou de verdade. Então tipo, eu transo com pessoas que eu realmente quero transar; procuro por pessoas que me atraiam; em circunstâncias, locais, posições que eu transaria fora das câmeras. Então as coisas que eu faço nas câmeras, são as coisas que eu faria normalmente fora das câmeras. Eu não tento fazer… é lógico, às vezes a gente se perde. Às vezes você acaba encontrando alguém que você não gostou tanto, mas você acaba gravando porque você vê que aquela pessoa vai te gerar um engajamento bom, às vezes você vai gravar com alguém que pede pra você fazer uma coisa e na hora você acaba fazendo e depois você fala “ah, eu não faria isso”. Mas isso é

como se fossem pequenos desvios tipo, o meu foco principal é manter essa sinergia entre o que tá na internet e o que eu realmente sou.

LÉO: Inclusive você já chegou a comentar essa questão do pornô. Você também já atuou em filmes pornôs de estúdio, de produtora. Você sente… como que são talvez as principais diferenças, talvez as vantagens e desvantagens do OnlyFans pro pornô tradicional enquanto questão de trabalho mesmo.

J: É que assim, eu já tive experiências… eu já gravei com estúdios que me proporcionaram experiências similares ao OnlyFans onde eu tive liberdade de fazer o que eu queria, onde eu me diverti na cena, onde eu tive prazer. A única diferença nesses estúdios era em relação a ter mais de uma pessoa num ambiente que não estava transando… o câmera e mais um. E eu também já tive experiências com estúdios que eram opostas ao OnlyFans. Eu tava fazendo algo com alguém que eu não transaria normalmente, eu tava fazendo posições que normalmente eu não faria… normalmente eu não faria… eu tava demorando mais do que normalmente eu demoraria, e então… eu acho que essas são as principais diferenças. Mas não se aplica a todos os estúdios, né. Porque às vezes você grava algumas cenas… você vai gravar e você tem liberdade de fazer o que você quiser, começa a hora que quer, acaba a hora que quer, coisa e tal. Porque alguns estúdios já entenderam que a dinâmica do OnlyFans funciona bem, então eles tentam aplicar as suas cenas.

LÉO: E se você se sentir confortável em compartilhar, como que a renda obtida nessa indústria afetou sua vida, perspectivas financeiras e profissionais?

J: Como que a renda afetou as perspectivas?

LÉO: Isso.

J: Bom, eu consegui financeiramente juntar em dois anos muito mais dinheiro do que eu conseguiria como CLT, até porque por muito tempo eu fiz em paralelo. Então tipo, no primeiro ano era quase que o OnlyFans direto pra poupança, porque eu tinha minha renda ali, eu ganhava bem… ganhava muito bem na empresa. Então tipo, o que eu ganhava eu dava pra fazer as coisas fazer tudo que eu queria, viajar, ter meus luxos e o OnlyFans eu entrava mais… então ia… Então por exemplo, hoje eu já penso em comprar um imóvel. É algo que eu nem cogitava quando trabalhava com CLT. Porque até eu juntar o dinheiro da entrada e até depois financiar, ia talvez demorar muito mais de dois anos que eu já consegui juntar parte do valor. Então mudou talvez a velocidade com que meus planos aconteceriam, entendeu? Que nem, sei lá, esse ano eu realizei uma vontade de passar meses fora do país. É uma coisa que o

OnlyFans proporcionou. Tanto financeiramente, quanto falando da questão da flexibilidade de eu não estar no mesmo lugar, de eu poder trabalhar o horário que eu quero. Então tipo, na empresa eu conseguia viajar, eu viajava sempre que tinha feriado, também trabalhar de home office dava pra viajar e trabalhar… mas assim, eu nunca ia conseguir ficar seis meses fora do Brasil fazendo tudo que eu fiz se eu estivesse na empresa e o meu salário não ia… convertido em euro, não ia dar pra bancar as coisas que eu precisei bancar. Diferente do OnlyFans, querendo ou não.

LÉO: Certo. Bom, acho que das minhas perguntas que já estavam aqui estruturadas, era isso mas quero saber se tem alguma outra coisa que ainda você quer comentar, que você acha que é relevante falar que talvez não tenha passado pelas suas respostas.

J: Não, se for isso então eu acho que eu passei por vários elementos.

LÉO: Beleza, e aí só alguns dados, então. Você tem quantos anos mesmo?

J: 29

LÉO: E antes de você entrar no OnlyFans sua situação financeira era digamos, você consideraria você com as baixas, médias, altas considerando

J: Patrimônio, não, não tinha nada. Mas renda, tipo como parâmetro de riqueza… eu tinha uma vida confortável. Viajava quando eu queria fazia o que eu queria, comprava o que eu queria, morava em um bairro bom. Tipo, era assim.